



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH VI**

**Benedito Almeida Pinheiro Filho
Rita de Cássia da Silva Santos Viana**

**RACISMO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES DE REMANESCENTES
QUILOMBOLAS SAPÉ E VEREDA DOS CAIS - CAETITÉ-BA**

Caetité - BA
2013



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH VI**

**Benedito Almeida Pinheiro Filho
Rita de Cássia da Silva Santos Viana**

**RACISMO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES DE REMANESCENTES
QUILOMBOLAS SAPÉ E VEREDA DOS CAIS - CAETITÉ-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras -Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia - Campus VI – Caetité, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. MS. Edmilson de Sena
Morais

Caetité - BA

2013

Benedito Almeida Pinheiro Filho

Rita de Cássia da Silva SantosViana

**RACISMO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES DE REMANESCENTES
QUILOMBOLAS SAPÉ E VEREDA DOS CAIS - CAETITÉ-BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia - Campus VI – Caetité, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. MS. Edmilson de Sena
Morais

Aprovada: 09/01/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof.Ms. Edmilson de Sena Moraes
Orientador

Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos

Prof. Ms^aAntonieta Miguel

Dedicatória

Dedicamos este trabalho a nós mesmos, não por egoísmo, mas por merecimento; pela dedicação e perseverança.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, pela força espiritual, por estar sempre presente em minha vida, guiando meus passos e alimentando as minhas forças para continuar acreditando em mim.

Ao Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS - VI – por propiciar uma formação profissional enriquecedora e importante para a minha formação.

Ao professor Edmilson Sena Moraes, pela orientação deste trabalho, pelo exemplo profissional, pela motivação, incentivo, principalmente pela “Credibilidade”, olhar criterioso em suas leituras e pela paciência.

Aos demais professores, por terem contribuído em nosso aprendizado, pelos ensinamentos, reflexões e discussões que me levará para a vida toda.

À minha família: minha mãe, exemplo de vida, pelo incentivo moral, que mesmo com seu precário estudo me fez entender que a escola é a nossa segunda casa. Ao meu esposo Eleandro pelas constantes sugestões e ideias e parceria. Ao meu filho kassiano, pela inocência e tolerância em minhas ausências e momentos de aflições. Às minhas irmãs e cunhadas que cuidaram do meu filho na minha ausência, para que eu pudesse estudar.

E em especial aos moradores de ambas as comunidades quilombolas, pela disponibilidade do tempo e informações que nos orientaram à realização da pesquisa. Muito obrigada.

“É por isso que digo em alto e bom som que uma das soluções para os dilemas da intolerância é o bom uso da linguagem. Alimentei tantos preconceitos a esse respeito, fiz mal uso de uma língua, para me separar dos outros e excluir de minha vida aqueles que não falavam da mesma maneira que eu. Compreendo o motivo pelo qual se pode chegar a suprimir alguém por causa do jeito diferente de organizar o mundo, porque, quando criança, quando rapaz vivi esse medo da diferença. Temi por minha identidade e, confrontado com uma outra língua e uma outra cultura, aboli, durante toda minha infância e adolescência, esse outro modo de vida que havia em mim” (Ariel Dorfman)

RESUMO

À medida que o mundo progride os homens ampliam sua competência linguística, tanto em contato com o outro, como através de sua cultura e vivências sócio históricas. Ainda assim, socialmente, as manifestações linguísticas devido à sua diversidade são aceitas ou rejeitadas de acordo com a classe social ou grupo étnico que pertence o indivíduo. Nessa perspectiva a presente pesquisa tem como objetivo, evidenciar o racismo linguístico que é exposto pelos autores: Aurox (1998), que mostra o racismo linguístico como uma teoria linguística a qual expõe conflitos entre línguas de diferentes países, por isso, é tratado como um racismo linguístico entre nações, diferente da teoria defendida por Lucchesi (2009), que demonstra um racismo linguístico existente dentro de uma mesma nação, neste caso o Brasil, calém disso, esse racismo linguístico é direcionado às características da fala de alguns grupos populares, como índios e afrodescendentes, ideologicamente marginalizados e alvos de racismos e discriminações. Bagno (1999, 2001) também corrobora ao abordar questões relacionadas ao preconceito linguístico e a desmistificação da superioridade e inferioridade das manifestações linguísticas, dentre outros autores. A partir daí procurou-se entender de que maneira o racismo linguístico se manifesta, especificamente, nas comunidades quilombolas de Sapé e Vereda dos Cais, situadas nos distritos de Maniaçu e Caldeiras no município de Caetité-Ba. Para isso, foi realizada a pesquisa de campo, utilizando a abordagem qualitativa de cunho exploratório. Através das análises desse *corpus* é que se pôde verificar a presença do racismo linguístico na medida em que os moradores dessas localidades, segundo seus relatos, são discriminados pela sua maneira de falar ao relacionar essa situação à sua condição de negro. Essa discriminação acontece também dentro da própria comunidade na medida em que a geração mais nova ridiculariza os falantes mais idosos que mantêm no falar a variante local herdada desses *ethos*, provocando o sentimento de baixa estima. Todavia, esse racismo linguístico é percebido pelos moradores de maneira explícita, implícita e ingênua. Sendo essas duas últimas situações, mais frequentes. Diante desse quadro conflituoso, permeado pelo confronto ideológico entre o primado da norma culta e padrão e os falares, dialetos considerados fora da norma padrão, a pesquisa é pertinente, na medida em que trás à tona essa questão que deve ser discutida e debatida numa sociedade historicamente marcada pelas relações subalternas de produção, promotora de uma exclusão estrutural, característica primaz da sociedade de classes.

Palavras chave: Racismo. Diversidade Linguística. RacismoLinguístico.

ABSTRACT

As the world progresses men broaden their language skills, both in contact with each other, and through their culture and socio historical experiences. Still, social, linguistic manifestations due to their diversity are accepted or rejected according to social class or ethnic group that the individual belongs. In this perspective the present study aims at highlighting the linguistic racism that is exposed by the authors: Aurox (1998), shows that racism language as a linguistic theory which exposes conflicts between languages of different countries, so it is treated as a Linguistic racism between nations, unlike the theory advocated by Lucchesi (2009), which demonstrates a linguistic racism existing within a nation, in this case Brazil, besides linguistic racism that is directed at speech characteristics of some popular groups like Indians and African descent, ideologically marginalized and targets of racism and discrimination. Bagno (1999, 2001) also supports to address issues related to linguistic prejudice and demystification of superiority and inferiority of linguistic expressions, among other authors. From there we tried to understand how racism manifests language, specifically in the maroon communities of Thatcham and Vereda the Pier, located in the districts of Maniaçu and boilers in the city of Ba-Caetité. For this, we conducted field research, using qualitative exploratory approach. Through the analysis of this corpus is that it was verified the presence of linguistic racism in that the residents of these areas, according to their reports, are discriminated by his way of talking to relate this situation to their status as black. Such discrimination also occurs within the community to the extent that the younger generation ridicules older speakers who keep talking in the local variant of these inherited ethos, causing the feeling of low esteem. However, this linguistic racism is perceived by residents of explicit, implicit and naïve. Since these last two situations, more frequent. Given this situation confrontational, permeated by ideological confrontation between the primacy of cultural norms and standard and dialects, dialects considered outside the standard norm, the research is relevant to the extent that brings up the question that should be discussed and debated in a society historically marked by subordinate relations of production, promotedora exclusion of a structural feature of primate class society.

Keywords: Racism. LinguisticDiversity. LinguisticRacism.

LISTA DE ABREVIATURAS

CARITAS (Confederação de 162 organizações humanitárias da Igreja Católica que atua em mais de duzentos países)

CPT (Comissão Pastoral da Terra)

EFA (Escola Família Agrícola)

OIT (Organização Internacional do Trabalho)

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)

LISTA DE MAPAS

Localização da área de estudo- Caetité-Ba; Região de Sapé e Região de Vereda dos Cais	45
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 LÍNGUA: ATIVIDADE SOCIAL E RELAÇÃO DE PODER	17
2 LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES SOBRE O USO DA LÍNGUA	20
3 RACISMO E RACISMO LINGUÍSTICO	25
3.1 Racismo linguístico.....	29
4 METODOLOGIA	34
5 O UNIVERSO INVESTIGATIVO DOS SUJEITOS SOCIAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS	37
5.1 Primeiros contatos e os sujeitos da pesquisa.....	37
5.2 Condições socioeconômicas das comunidades.....	40
5.3 Espaço sócio geográfico.....	44
5.4 Origem das comunidades quilombolas:.....	47
5.4.1 SAPÉ	47
5.4.2 Vereda dos cais	51
6 A PRESENÇA DO RACISMO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: SAPÉ E VEREDA DOS CAIS	55
7 CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
APÊNDICES	73
Apêndice A	73
Apêndice B.....	75
Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	77

INTRODUÇÃO

A diversidade linguística é uma realidade no Brasil, o que o torna um país substancialmente rico em valores culturais, pois, a língua é sinônimo de identidade na qual o povo se encontra inserido. Evidenciar estas diversidades é ao mesmo tempo resistir e superar preconceitos e desigualdades ainda existentes nos mais variados espaços, e que, no decorrer da história foram forjados pela sociedade de forma ideológica e sistemática, através da defesa e construção de juízos de valor sobre o cunho “positivo” e “correto” da norma culta e padronizada.

Sobre esse prisma refletir sobre a variação linguística possibilita o entendimento da relevância que a existência dos mais variados dialetos e dos seus falantes tem na sociedade, apesar do não reconhecimento disto. Nenhuma língua é superior a outra, por isso é importante considerar toda manifestação linguística do ser humano, independente da etnia, posição social ou situação econômica.

Nesta perspectiva, esta pesquisa tem como alvo duas comunidades remanescentes de quilombos, Vereda dos Cais e Sapé, região sudoeste do estado, pertencentes ao município de Caetité, cujos moradores, a partir das evidências analisadas em forma de entrevistas, alegam sofrer cotidianamente práticas discriminatórias da sociedade do seu entorno por conta, tanto de suas variantes linguísticas, do “isolamento geográfico” em que vivem, e por serem negros descendentes de africanos escravizados, e historicamente considerados inferiores, alvos de preconceito, discriminação e racismo.

Assim, a escolha do tema é resultado das peculiaridades concernentes aos anseios, angústias e desejos de expormos este fato que existe na sociedade. Por ser um tema pouco abordado nos espaços em foco, viu-se a necessidade de sustentar esse assunto para que haja o reconhecimento e valorização de quem não reproduz a variante padrão.

As razões pelas quais o racismo linguístico se constituiu, estão ligadas à intolerância racial e linguística presentes entre nós. Segundo Aurox (1998), o racismo linguístico se configura em uma doutrina que surgiu em meados do século XIX em alguns países da Europa Ocidental, onde essa diversidade era julgada a partir do *status quo* dos seus falantes, e conseqüentemente do conceito de raça e de

civilização adotados para a classificação e hierarquização da língua e das pessoas. Devido ao amplo desenvolvimento dos estudos linguísticos na época, em especial aos esforços de linguistas como Sylvain Auroux, essa visão negativa começou a sofrer mudanças no sentido de se defender a diversidade linguística e a capacidade de expressão inerente a toda língua.

Diferente de Auroux, Dante Lucchesi (2009) analisa o racismo linguístico dentro de uma mesma língua. Esta versão trazida por ele é que baliza e norteia esta pesquisa. Além disso, Lucchesi assegura que o preconceito linguístico além de ser um meio que favorece aos grupos sociais privilegiados cultural e economicamente, apresenta atitudes racistas ao menosprezar a variante linguística presente em alguns setores da sociedade brasileira, ele acrescenta que existem atitudes racistas no preconceito relacionado a determinadas manifestações linguísticas sociais desprovidas de concordância nominal e verbal e sinaliza que o racismo linguístico é direcionado às características da fala de alguns grupos populares, como índios e afrodescendentes, ideologicamente marginalizados e alvos de racismos e discriminações. Já BAGNO (2008), confirma que a sociedade não se dá conta, da existência de um racismo profundo sobre a língua.

Neste sentido faz-se necessário analisar o significado do termo racismo em sua concepção de teoria que afirma a superioridade de uma *raça* sobre a outra, bem como elucidar a condição negativa, conflituosa, delicada ou dissimulada na qual a imagem do negro fora construída. Assim, o entendimento que se criou sobre o papel do negro na sociedade foi o de inferioridade, retirando do mesmo quaisquer possibilidade de se ter uma identidade própria. Nessa vertente, Souza (1983) afirma que a violência racista do branco faz com que o negro destrua sua identidade e busque concebê-lo como modelo. A sociedade, por sua vez, internalizou e concretizou tais estereótipos e preconceitos, tornando a sua dissolução extremamente estratégica e difícil, uma vez que foram criados mecanismos propícios à sua reprodução e a não institucionalização de sua presença e manifestação.

Diante disso, o racismo está presente em nosso cotidiano sob diversas maneiras: na rejeição no mercado de trabalho, na rejeição das religiões de origem africana, enfim, a cor negra, na maioria das vezes, está associada à miséria e a marginalidade sendo negado em todas as situações, e esse racismo este marcado no subconsciente das pessoas. Por outro lado, o Brasil sustenta e convive em meio

a um racismo dissimulado, invisível e cordial. Este último é abordado por TURRA; VENTURI (1995), bem como por Silva (2011), os quais confirmam o cunho discriminatório e racista de muitos brasileiros na negação dos negros e de sua história, até mesmo nas tentativas de ocultá-la ao agir de modo respeitoso e ético para com o negro.

Um dos problemas do racismo linguístico presente nas comunidades de Vereda dos Cais e Sapé é o desprezo, evidente ou dissimulado, que esse povo sentiu, e ainda sente em relação à sua linguagem particular e diferenciada observada em suas falas. É importante apontar que esta situação é geradora de descontentamentos e de sentimentos de exclusão, o que ocasiona em conflitos. Aqui, autores como Lucchesi (2009), Fiorin (2000, 2001), Bagno (1999, 2001), dentre outros, se debruçam sobre a temática no intuito de se entender o estado de impasses e contradições que esses embates carregam.

Propositalmente, este estudo busca ser uma ferramenta que professores e educadores terão a seu dispor para uma compreensão concreta e desmistificada da existência real de formas discriminatórias contidas na língua portuguesa. Sabe-se dos conflitos sociais, em relação ao preconceito e o racismo ainda existentes no país, sabe-se também da existência da Lei nº.10.639 de 9 de janeiro de 2003, que aponta o ensino obrigatório dos temas, que caracterizam a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas disciplinas escolares. A grande questão é analisar como os profissionais em educação e a sociedade está debruçando sobre isso na intenção de amenizar e desconstruir esses preconceitos, discriminações e racismo. Pode ser que os educadores se contentem com o “faz de contas” e se satisfaçam com discursos tímidos e reprodutores de estereótipos, que fogem à reflexão, só para dizer que estão cumprindo com a sua obrigação. A escola por sua vez, tem que estar sensível às novas possibilidades de inclusão das diferenças. Portanto, é necessário que os educadores revejam suas práticas didático-pedagógicas no intuito de contribuir positivamente para uma sociedade voltada para a compreensão e acolhimento das diversidades.

Diante das colocações expostas, a estrutura organizacional da pesquisa se constituirá de cinco capítulos, nos quais serão abordadas questões relacionadas ao Racismo Linguístico.

O primeiro capítulo foi pensado e escrito no intuito de abordar como a língua, sendo uma atividade social, influencia na vida das pessoas; como os diversos falares, padronizados ou não, recebem cargas ideológicas, positivas e/ou negativas e o modo de constituição do uso da linguagem enquanto forma de poder e parâmetro para a definição de hierarquias.

O segundo capítulo abordará as contribuições dos estudos linguísticos que estudam a língua e suas relações com os indivíduos que a usam bem como, a sociolinguística que investiga os aspectos linguísticos tomando como base a sociedade em que o indivíduo vive. Essas ciências encontram-se intrinsecamente ligadas e buscam desenvolver e propiciar uma relação mútua entre linguagem e sociedade, tornando-as mais compreensivas e palpáveis na medida em que valorizam as formas diferenciadas de comunicação dos indivíduos.

O terceiro capítulo, analisaremos tanto o conceito de racismo e os mecanismos que o sustentam ainda hoje na sociedade brasileira quanto a concepção do racismo linguístico já abordado acima.

No quarto capítulo trataremos das técnicas e a metodologia utilizada: para isso, foi realizada a pesquisa de campo, utilizando a abordagem qualitativa, exploratória, com entrevistas respondidas oralmente, através de questionários semiestruturados.

A análise dos dados colhidos nas entrevistas constitui o quinto e o sexto capítulo. Buscou-se fazer um paralelo entre a bibliografia consultada e a realidade cotidiana de ambas as comunidades na esperança de que as informações obtidas pudessem contribuir para uma reflexão sobre o racismo linguístico e possibilitassem meios de aceitação e respeito à diversidade linguística.

Assim, este estudo é relevante por instigar debates e reflexões, haja vista que o tema é polêmico por natureza e inesgotável pelas discussões que propõe. Neste sentido, os elementos aqui tratados são fundamentais para a formação acadêmica de Letras Vernáculas, pois levam a repensar a importância do ensino, a utilização da língua e das formas adotadas até então para se construir e difundir conhecimentos, de forma a possibilitar caminhos mais acessíveis para que a aprendizagem seja construída em sua totalidade. Dessa forma, diante da ideologia negativa sobre as questões relacionadas à língua, o preconceito e o racismo, é importante e

indispensável ultrapassar as barreiras e desmistificar os mitos que a sociedade tanto carrega, a partir de atitudes positivas, motivadoras, coerentes e persistentes.

1 LÍNGUA: ATIVIDADE SOCIAL E RELAÇÃO DE PODER

A língua é um conjunto de códigos e tem como objetivo representar os diferentes meios de comunicação que os grupos sociais apresentam, de acordo com seus modos e culturas. Uma língua se torna comum entre seus falantes e assim se torna possível a comunicação entre os mesmos. Dentro dessa comunicação os indivíduos utilizam sua linguagem a sua maneira. E esta, está intrinsecamente relacionada com a sociedade, a qual não sobrevive sem a comunicação. Assim “a primeira função da linguagem não é ser representação do pensamento ou instrumento de comunicação, mas expressão da vida real” (FIORIN 2001, p.73).

Desde que nascemos, estamos ingressos no mundo da linguagem e é nela e por ela que nos constituímos enquanto sujeitos. A linguagem, ao mesmo tempo em que se constitui em produto social e histórico, cria uma imagem do mundo. Dessa forma, “(...) a linguagem de uma imagem criadora do mundo é também criadora desse mundo” (FIORIN, 2001, p. 53).

Nessa perspectiva, os diversos povos com suas línguas maternas foram se moldando e se formando enquanto elementos da cultura que fizeram da linguagem um veículo de comunicação e de expressão, fundamental nas relações humanas. Todavia, a língua vem a ser muito mais do que um objeto de comunicação; ela também é uma das principais marcas que identificam um povo em qualquer ambiente aos seus mais diversos espaços.

Quando se fala uma determinada língua, o sujeito se compromete e participa ativamente do contexto político, já que toda ação política transpõe a linguagem por ser uma atividade de ordem discursiva. (RAJAGOPALAM,2003).

A fala de uma determinada pessoa revela o que ela é; expressando a relação que possui com o meio em que foi criada. É a partir desse pensamento que a linguagem passa a ser um instrumento revelador de identidades e traz em volta de si cargas ideológicas transparentes que servem para manutenção da dominação entre grupos sociais. (EAGLETON, 1997)

É nessa sustentação ideológica que alguns indivíduos tentam impor certa primazia sobre quais variedades linguísticas podem ser melhores e mais aceitas na sociedade.

(...) um poder dominante pode legitimar-se promovendo crenças e valores compatíveis com ele; naturalizando e universalizando tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; denegrindo idéias que possam desafiar-lo; excluindo formas rivais de pensamento, medindo talvez alguma lógica não declarada, mas sistemática; e obscurecendo a realidade social de modo a favorecê-lo. Tal mistificação como é comumente conhecida, com frequência assume a forma de camuflagem ou repressão dos conflitos sociais. (EAGLETON, 1997, p.198)

Com o intuito de uma padronização linguística, a sociedade atribui valores linguísticos à fala e impõe que alguns valores, chamados de normas cultas e padronizadas sejam estabelecidos. No entanto, ainda predomina a norma popular que foge desses padrões e que na maioria das vezes, não há uma grande aceitação social, pois a norma culta passa a ser considerada como língua dos falantes de classes privilegiadas, tidos como superiores. Já os falantes de classes menos privilegiadas são tidos como inferiores.

Até mesmo a escola, por sua vez, alimenta toda carga ideológica imposta pela sociedade e contagia os alunos através de ensinamentos tendenciosos que estimulam as variantes das classes dominantes.

A escola não é mais do que um instrumento de reprodução da sociedade em que está inserida, como tão bem demonstram Bourdieu e Passeron (1982), e o privilégio de um padrão normativizador, segundo a variante socialmente dominante, é uma poderosa peça dessa engrenagem ideológica. (NEVES, 2003, p.68)

No entanto, não se deve enraizar tal preconceito, já que todo ato comunicativo tem uma explicação lógica e científica (MARCIONILO, 2009). Toda pessoa possui a competência linguística de falar, pois ela encontra-se inserida num mesmo ambiente onde todas as pessoas compreendem umas as outras. Nenhum ato de fala pode ser entendido como *certo* ou *errado* porque o que existem são falas diferenciadas, em constante mutação e que atendem às diferentes necessidades linguísticas das comunidades que as usam. (BAGNO, 1999). Mas é válido evidenciar que:

(...) a língua é como um guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai de maiô fazer compras num shopping-center, nem vai entrar na praia, num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas (...) (BAGNO, 2001, p. 130).

No entanto, fica difícil para os falantes conceberem ou entenderem o que é certo ou errado, já que se expressam a depender da cultura na qual estão inseridos, tanto a partir da língua informal quanto da formal. (BAGNO, 1999).

É importante frisar que todo ser humano é livre para utilizar sua linguagem como bem entender, porém torna-se inviável desfazê-la ou ignorar as variantes que a compõem, uma vez que a desconsideração a estes modos distintos de expressão significa menosprezar o ser humano em sua dignidade e cultura. Sendo assim, independente da origem ou meio social que essa linguagem foi adquirida, todas as modalidades linguísticas devem e podem ser valorizadas, levando em conta as diversidades culturais e linguísticas de cada indivíduo. NEVES (2003).

Pode ser que ainda “o indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale” (FIORIN, 2000, p.43). Ou seja, o indivíduo é uma reprodução cultural do meio em que vive ou viveu, não sendo ético impor uma regra linguística única para todos os falantes locais.

Como o ser humano está relacionado ao que possui, a variante linguística “aceita” está ligada ao grupo de pessoas que mais possuem valores sociais e econômicos na sociedade. Deste modo, “uma variedade linguística vale o que valem seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1998, p.6). No entanto:

A língua em si não é um fenômeno que tenha um caráter de classe, uma vez que ela existia nas sociedades sem classes, existe nas formações sociais com classe e continuará existindo quando as classes forem abolidas. No entanto, as classes usam a linguagem para transmitir suas representações ideológicas. Ela também não é propriamente um fenômeno de superestrutura, mas é o veículo das representações ideológicas. (FIORIN, 2001, p.72).

Diante da ideologia social sobre a superioridade e inferioridade da variedade linguística será relevante analisar essa questão e desmitificar os mitos e preconceitos que se encontra enraizado no consciente e, principalmente no subconsciente de cada pessoa.

2A LINGUÍSTICA E A SOCIOLINGUÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES SOBRE O USO DA LÍNGUA.

A língua é um sistema de sinais que representa os valores, o modo de ser e viver de grupos sociais específicos. Ela é, portanto, uma estrutura variável, comum a todos os falantes, que apresenta uma enorme diversidade. Desta forma, as línguas existem em função das pessoas e estas não conseguem viver isoladamente, pois reciprocamente precisam da língua para se comunicar. A linguagem está intimamente ligada aos comportamentos humanos e possui visão de mundo e valores.

Sendo assim, não há como desvincular a linguagem da sociedade, pois o ser humano necessita de ambas para sobreviver, já que a língua desempenha um papel importante no processo comunicativo e toda expressão de um povo se dá através dela.

Dentro desse sistema, na qual a língua é concebida, existe uma diversidade linguística, que está distribuída na sociedade e depende de alguns fatores como regionalidade, espaço geográfico, etnia, etc., onde as pessoas, mesmo expressando à sua maneira, são entendidas por outras.

[...] numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira haverá inúmeras normas linguísticas, como, por exemplo, a norma característica de comunidades rurais, aquelas de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a(s) norma(s) característica(s) de populações das periferias urbanas, a norma informal da classe média e assim por diante. (FARACO, 2002, p.38).

Todavia, esses padrões e manifestações linguísticas estão sujeitos à avaliação social, que são compreendidos como *inferiores* e *errados* ou *superiores* e *corretos*. A rejeição sobre os diversos falares resulta no preconceito linguístico, e este também se configura como preconceito social, econômico e cultural, pois, geralmente as pessoas de baixa renda e pobres são as mais atingidas enquanto as de classe alta não sofrem tanto essa discriminação.

Certo e errado são conceitos pouco honestos que a sociedade usa para marcar os indivíduos e classes sociais pelos modos de falar e para revelar em que consideração os tem... Essa atitude da sociedade revela seus preconceitos, pois marca as diferenças linguísticas com marcas de prestígio ou estigma. (CAGLIARI, 1991, p. 82).

A Linguística é uma ciência que tem por finalidade estudar a língua e tudo o que a ela se relaciona. Por sua vez, este estudo se dá em virtude das diferenças e mudanças presentes tanto entre as línguas existentes em todo o mundo quanto dentro de cada uma delas em particular. Essa ciência praticamente não se ocupa em estudar uma língua isoladamente, mas visa descrever, explicar e refletir sobre a linguagem verbal humana a partir do entendimento de como funciona seu objeto de estudo (a língua). “O interesse de uma ciência não se mede apenas por seu poder explicativo, mas também por sua utilidade, por sua eficácia social, em outras palavras, por suas possíveis aplicações” (CALVET, 2002, p.133).

Segundo Rajagopalam (2003), a língua é tradicionalmente compreendida como algo fechado em si e auto-suficiente. “Para Saussure (1959), o pai da linguística moderna, trata-se de uma questão óbvia demais para merecer qualquer discussão mais aprofundada.” Saussure 1959 (*apud* RAJAGOPALAM, 2003, p.26).

Segundo Cabral (1982), aproximadamente nos séculos XIX e XX, a Linguística adquire autonomia a partir de Ferdinand de Saussure. Este é quem caracteriza com maior clareza o objeto da Linguística, por isso é considerado o seu pai. Ele estabelece uma cadeia de princípios que refletem as diversas formas de abordagem linguística, e divide-as em dicotomias, dentre elas, a língua versus a fala. Ele acreditava que a língua é o único objeto de estudo da ciência, sendo ela um circuito fechado em si e homogêneo, descartando as suas características extralinguísticas, a fala e seus falantes.

Partindo do ponto de vista da linguagem como fenômeno unitário, dividi-a em língua (*langue*) e discurso (*parole*). A língua é um sistema de valores que se opõem uns aos outros e que está depositado como produto social na mente de cada falante de uma comunidade; possui homogeneidade e por isso é o objeto da linguística propriamente dito. O discurso é um ato individual, em que se interferem muitos outros fatores extralinguísticos e no qual se fazem sentir a vontade e liberdade individuais, sendo, portanto, heterogêneo e não se prestando à descrição linguística. (CABRAL, 1982 p.4).

Ferdinand de Saussure por meio dessa relação dicotômica evidenciou também uma visão sincrônica e diacrônica da língua. A primeira trata-se de um estudo da

língua num determinado período enquanto a segunda diz respeito às transformações da língua ocorridas ao decorrer da história.¹

Depois de Saussure surgiram outros linguistas, a exemplo de Noam Chomsky, que desenvolveu uma escola chamada de Gramática Gerativo-transformacional, sendo ele principal teórico e criador.

O ponto de partida para a nova escola foi o fato de um falante ser capaz de produzir orações que ele nunca usara antes e ser capaz, igualmente, de entender orações para ele novas. (...) A Gramática Gerativo-transformacional procura, então, dar conta da intuição do falante (...) ela busca os universais linguísticos que explicariam a faculdade inata do homem para a linguagem. (CABRAL, 1982,p.5).

Os estudos da Linguística no decorrer do tempo, dão visibilidade não só aos aspectos da língua fechada em si, mas viabilizam cada vez mais o lado social e suas diferenças. A Linguística passa por modificações históricas e em sua concepção frequentemente, que resulta em diversas linhas de investigação, uma vez que o mundo vive novas realidades linguísticas e a língua, por sua vez, muda constantemente de acordo as transformações e necessidades sociais. Aí está a importância dessa ciência para os estudos e acompanhamento das falas. “O traço mais visível da identidade linguística nesses tempos pós-modernos é a mestiçagem, da qual nenhuma língua escapa hoje em dia” (RAJAGOPALAM, 2003,p.62).

Segundo KanavililRajagopalan (2003), no Brasil e em outros países, os estudos da Linguística estão se desgastando, devido pouca importância que a sociedade tem dirigido tanto para o linguista quanto para os seus estudos, dentre outras situações. Mas existe uma luz ao final do túnel e felizmente ainda existem alguns pesquisadores e linguistas que lutam e se preocupam com essa questão, uma vez que a língua é também a identidade e patrimônio de um povo e o seu estudo faz-se necessário para que este povo seja e sinta valorizado.

¹Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=Tm38cSpH1vAC&pg=PA447&lpg=PA447&dq=gram%C3%A1tica+gerativotransformacional+chomsky&source=bl&ots=yOxfW8D953&sig=NNTvtv4v36TVA3lsSXuZ_RM46Y&hl=ptBR&sa=X&ei=CL6RUJjGKYam9gTlviGQCQ&ved=0CE8Q6AEwCA#v=onepage&q=gram%C3%A1tica%20gerativo-transformacional%20chomsky&f=false Acessado em:27.07.2012

Enquanto área de estudo, a linguística é, e sempre foi e sempre será uma atividade humana, na qual participam indivíduos com seus laços sociais, seus direitos e suas obrigações, e, sobretudo seus anseios e interesses, que variam de acordo com o momento histórico em que se encontram. (RAJAGOPALAM, 2003, p.44).

É nesse contexto que surge a Sociolinguística, que tem como objetivo precípuo estudar a relação entre a linguagem e a sociedade. Os linguistas perceberam a necessidade de ultrapassar os estudos voltados à língua em si, já que ela faz parte do social.

Segundo Bagno (2007) a Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, tendo como um dos principais autores responsáveis por este surgimento o linguista William Labov, que demonstrou o intuito de estudar a mudança e a variação da língua.

“A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA;BRAGA, 2004, p.8).

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Essa ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA; BRAGA, 2004, p. 9).

A Sociolinguística investiga também o contato entre línguas, o surgimento, a mudança e a extinção de fatos e elementos relacionados à Linguística. A partir dos seus estudos busca promover uma liberdade linguística aos falantes desprestigiados em sua fala, que possuem uma insegurança ao se expressarem em razão da repressão social advinda de algumas camadas sociais consideradas de variante mais culta. Esses conceitos ideológicos, atribuídos aos falantes estigmatizados, não prosseguiram, pois não havia comprovação científica que uma língua ou forma de falar fosse superior a outra e até mesmo Bagno,(2002, p.179) afirma que:

Não existe um comportamento linguístico homogêneo por parte dos ‘falantes cultos’, sobretudo (mas não somente) no tocante à língua falada, que apresenta variação de toda ordem segundo a faixa etária, a ordem geográfica, a ocupação profissional etc. dos informantes.

Por outro lado a gramática tem como objetivo firmar a norma culta e padronizada que é definida por ela, através dos padrões gramaticais que visam à homogeneização da língua, tentando assim aproximar ao máximo possível à língua padrão. Essa gramática busca acabar com qualquer tipo de variação linguística existente na língua. (FARACO 2002, p.42).

Mesmo com a tentativa de manter este padrão linguístico, a gramática fracassa diante da grande diversidade existente, e de forma alguma há como comprovar a superioridade linguística falada por algumas variantes. As línguas, independente da classe social dos seus falantes, devem ser consideradas adequadas para atender a necessidade deles.

Dessa forma a Linguística se diferencia da gramática, pois não busca prescrever normas ou ditar regras de correção quanto ao uso da linguagem. Neste caso tudo o que faz parte da língua é elemento de reflexão e interessa à linguística e à sociolinguística. Portanto, “Não é possível distinguir entre uma linguística geral que estudaria as línguas e uma sociolinguística que levaria em conta o aspecto social dessas línguas: em outros termos, a sociolinguística é a linguística.” (CALVET, 2002, p.24).

Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA, BRAGA, 2004, p.13).

Diante dos esboços apresentados, na relação da Linguística com a Sociolinguística foi possível perceber e comprovar que a língua é indissociável da sociedade. Há sempre um elo entre elas, fazendo com que haja uma interdependência entre si, motivo pelo qual existe a importância de reconhecer a língua de cada sociedade. (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 21).

3RACISMO E RACISMO LINGUÍSTICO:

O racismo é um tema que, por ser bastante questionado, complexo e polêmico ainda apresenta muitas demandas no seu enfrentamento, dadas as suas diversas formas de manifestação, como a indiferença de algumas pessoas no tratamento do assunto. Além disso, esse racismo está presente em nosso cotidiano sob diversas maneiras, seja na rejeição no mercado de trabalho até a exclusão por grupos sociais que se acham superiores em relação a outros.

O conceito de racismo apresentado no dicionário “Júnior” da língua portuguesa, diz que é: 1. Doutrina que afirma que determinada raça é superior às outras. 2. Desprezo por pessoas de outra raça (SOUZA, 2001, p. 507).

“O racismo também pode ser compreendido como a imposição de valores da cultura dominante aos participantes das culturas que se pretende dominar” (CRUZ, 1989; GOMES, 1995 *apud* SILVA, 2011, p. 75)

Tal racismo é uma construção social vivenciada pelo homem ao longo do tempo, alimentado, sobretudo pela condição do negro, que historicamente foi construído a partir da escravidão como pessoa inferior, incompetente e subordinada em relação a outros grupos étnicos sociais (GUIMARÃES, 1996, *apud* SILVA, 2011).

Diante disso, a sociedade internalizou esses conceitos, tornando-se senso comum e favorecendo um determinado grupo de pessoas, os brancos.

Quando o negro é representado à consciência de um indivíduo, os objetos que estão na sua consciência, tais como os estereótipos e preconceitos, podem modelá-lo de tal forma que, mesmo na sua ausência, o conceito o coloca estigmatizado em papéis e funções, estereotipado negativamente e subordinado, e à sua visão concreta esse conceito é ativado, provocando a discriminação e a exclusão. (SILVA, 2011, p.30).

No Brasil ainda há um olhar diferenciado sobre o negro. As atitudes de respeito para com ele não significam ausência de racismo. Mesmo com a educação, conscientização e leis constitucionais contra a discriminação racial, as formas discriminatórias socialmente condenadas são, contraditoriamente aceitas e acatadas no dia-a-dia, pois se tratam de preconceitos não declarados abertamente na maioria

dos casos, configurando-se em um “Racismo cordial”.² Tal forma de racismo ainda “equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar inatas suas sensibilidades e suas emoções” (Holanda *apud* TURRA-VENTURI, 1995, p.13).

O racismo brasileiro apresentado na pesquisa *Datafolha*, afirma que a maioria das pessoas que foram questionadas se era racista, afirmaram que “não”, mas conheciam um “amigo”, um “irmão”, um “professor”... Ou seja, as pessoas sabem que existe, negam ter e sempre colocam o “outro” como responsável. Efetivamente, o indivíduo não quer parecer racista, pois o brasileiro tem vergonha e/ou medo de ser. Dessa forma o racismo torna-se silencioso e invisível. Até por que nos dias atuais, as pessoas que demonstram preconceito não são bem vistas pela sociedade, e até mesmo as leis constitucionais visam os direitos do negro e punem “toda” atitude racista. Porém na prática, na maioria dos casos, isso não acontece.

Até mesmo os próprios afro-descendentes demonstram preconceito, principalmente os negros de pele clara que se autoafirmam de não negros, buscam outras variações biofenotípicas. Mas, é importante lembrar que “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo loiro, traz na alma, quando não na alma e no corpo, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena e ou do negro” (FREYRE *apud* SCHWARCZ, 2001, p.28).

O racismo é ainda percebido ao se “impedir alguém de fazer algo por causa da cor da pele” (TURRA-VENTURI, 1995, p.23). Isso nos faz entender e afirmar que o racismo no Brasil é motivado pela cor da pele e pelos demais caracteres físicos. Mas, por outro lado, as “Pessoas ficam ‘brancas’ ou ‘negras’ de acordo com suas atitudes, sucesso e, sobretudo, relacionamentos” (MATTA *apud* SOUZA, 1997, p.73). Sobre isto, Schwarcz (2001) em seu livro, relata alguns questionamentos para uma auto-reflexão

O tema da raça carrega, no Brasil, outras facetas que não se resolvem a partir do exercício exclusivo da delação. Como distinguir quem é negro e

³Termo cunhado pela Folha de São Paulo em um suplemento da publicação do dia 25 de junho de 1995, resultado de uma pesquisa *Datafolha* aplicada em todo o país nos dias 4, 5 e 6 daquele ano (TURRA; VENTURI, 1995, p.5), que constata que o brasileiro em sua maioria tem racismo e atitudes racistas, porém tenta ocultá-lo, atitude que caracteriza “Uma demonstração de cordialidade, talvez, para não ofender ainda mais aquele que se discrimina” (p.12) .

quem é branco no país? Como determinar a cor, quando não se fica para sempre negro no Brasil, se 'embranquece' por dinheiro e se 'empretece' por declínio social? [...] no país se 'joga com a cor', de maneira a utilizá-la como instrumento em diferentes situações. (SCHWARCZ, 2001, p.66).

Essa problemática de autodefinição da cor reafirma o grau de discriminação brasileiro e o pensamento de que a condição social influencia consideravelmente a identidade étnico-racial e vice-versa.

Muitos dos conflitos sociais sempre sufocaram grupos menos privilegiados e desfavorecidos e o seu surgimento não se deu por questões religiosas nem raciais, e sim financeiras, buscando benefícios próprios ou de grupos alinhados com o poder político. Por isso, nota-se que o racismo sempre teve uma busca financeira desde seus primeiros acontecimentos históricos na humanidade. AZEVEDO (1987) nos remete ao acontecimento racista mais antigo já conhecido na história da humanidade.

(...) a mais antiga referência a discriminação racial datada de aproximadamente 2000 a.C e consta de um marco erigido acima da segunda catarata do Nilo, proibindo qualquer negro de atravessar além daquele limite, salvo se com o propósito de comércio ou compras. Fica óbvio que a discriminação era fundamentalmente de ordem econômica-política, usando a raça como referencial. (AZEVEDO, 1987 p.23).

É notável que essa demarcação de território se dê por conta de interesses financeiros, poisera permitido o ingresso do negro no mesmo local, se este interagisse com o comércio. Então, o racismo se dá por outros interesses, menos por uma questão racial propriamente dita. "Tanto na Antiguidade como na Idade Média, os homens, em vários momentos, se utilizaram da existência de diferenças físicas e de desacordos de caráter religioso como motivo para justificar suas lutas pelo poder" (CARNEIRO, 1983, p.18).

Em uma tentativa de justificar a dominação e opressão de outros povos usou-se a diferença física e étnica para assegurar o direito de controlar os demais indivíduos, aumentando assim tendenciosamente a discriminação e o afastamento das raças. A questão racial começou a ser foco de justificativas para os problemas de ordem social que ocorria em diversos contextos e situações. É por conta deste cenário que se favoreceu a criação de um ambiente propício à proliferação de ideologias que falavam sobre raça e cor. AZEVEDO (1987).

Os próprios colonizados criaram uma idéia de superioridade, e por isso se achavam no direito de impor seu domínio e cultura aos povos de *raças* que consideravam inferiores. O racismo ganhou força com a necessidade criada pelas metrópoles de justificarem suas explorações e expansões para outros continentes. Para Azevedo (1987, p.4) “(...) as mudanças sociais e econômicas ocorridas na Europa à época (...)” tiveram grande envolvimento e cumplicidade para o “(...) nascimento do racismo”. Completando esta idéia, ela afirma que:

Durante as décadas de 1850 a 1870 as idéias de raça e racismo se consolidaram na Europa. A partir desta época, generalizou-se a crença de que certos povos, por questão de raça, não tinham capacidade para progredir como tantos outros, e os europeus passaram a reconhecer grandes diferenças entre brancos e outras raças. (AZEVEDO, 1987 p.25).

As supostas diferenças, traços e características particulares, ajudaram a reforçar as ideologias racistas que visavam à superioridade de uma raça em relação a outras.

É o conjunto de indivíduos, cujos caracteres somáticos, tais como cor da pele, conformação do crânio e do rosto, o tipo de cabelo e outros traços, são semelhantes, e se transferem, por hereditariedade, conquanto variem de pessoa para pessoa. Também apresenta outros significados entre os quais, o conjunto de indivíduos com origem étnica linguística ou social comum. (FERREIRA, 1986, p.363).

É senso comum na sociedade que o negro está associado à negatividade, a profissões inferiores, pobreza, desqualificação profissional, baixo nível escolar, enquanto o branco está relacionado à aquisição de bens materiais, inteligência, dentre outros adjetivos. Até mesmo nas religiões constatamos tais discriminações; enquanto que as de matriz africana são associadas às práticas demoníacas, as de origem judaico-cristã são equivalentes à bondade, caridade e tudo que há de bom e de mais sagrado. “O outro é aquele que é estranho, diferente não apenas na aparência, mas também nos valores, crenças, estilo de vida, posição social, etc.” (AZEVEDO, 1987, p.27). Consequentemente na fala, na língua, já que para os gregos os demais povos grunhiam (maia, 1973), o que denota o etnocentrismo linguístico grego.

Diante disso, torna urgente e sem delongas o conhecimento e a desmistificação dos fatos que levam os indivíduos a estabelecerem hierarquias que

buscam a classificação dos seres humanos, bem como a observação de outros tipos de racismos, como os relacionados ao modo de falar, que é o caso do Racismo Linguístico.

3.1 Racismo Linguístico

O Racismo Linguístico foi uma doutrina relativamente dominante em meados do século XIX. Neste período, alguns grupos étnicos de classes privilegiadas eram considerados *melhores* em relação aos outros, sendo intitulados de *grupos civilizados*. Alguns linguistas acreditavam na superioridade e inferioridade de algumas línguas; umas eram tidas como civilizadas, outras eram consideradas desprovidas de cultura, especificamente na Europa (AUROUX, 1998).

Nesse sentido, qualquer manifestação linguística que escapasse da norma padrão, ideologicamente concebida pela sociedade como variante superior, era considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, *feia* e *errada* (BAGNO, 1999). Seguindo esse parâmetro, observa-se que o Racismo Linguístico segue duas fontes estabelecidas por Auroux.

Uma provém do que se pode chamar a linguística popular. Os indivíduos e os povos vêm (a justo título) em seu idioma uma forma de individuação e constituição de sua identidade. É uma tentativa corrente interpretar a diferença como desigualdade e superioridade em relação ao outro. Não é, todavia uma necessidade. Existem populações multilíngues. A constituição de Estados-nações na Europa da Renascença reforçou um processo de individuação linguístico e de concorrência entre línguas, que era um terreno privilegiado para o racismo linguístico popular. A segunda fonte do racismo linguístico é de origem erudita. Ele se deve ao modo como se constituiu a tipologia linguística, desde o início do comparatismo moderno, na geração do romantismo alemão, até as teorias evolucionistas do fim do século XIX. (AUROUX, 1998, p. 376).

Sendo assim, as diferenças entre as línguas e seus confrontos pela defesa de seus valores e ideologias ao longo do tempo fizeram com que os linguistas defendessem a diversidade linguística. Atuaram no sentido de buscar a ética linguística pautada na relevância e na capacidade de expressão inerente a toda língua.

Um dos problemas enfrentados pela ética linguística seria o racismo linguístico. Esta doutrina não é um termo isolado e exclusivamente relacionado à língua, é também uma questão geral, pois, “Há racismo quando as diferenças reais são interpretadas como diferenças de estatuto intelectual e espiritual, (...) como diferenças de humanidade”.(AUROUX, 1998, p. 375).

A diversidade linguística raramente foi tomada como uma qualidade positiva e uma riqueza da humanidade. Ela foi concebida como um obstáculo à comunicação, que os projetos de língua universal ou de línguas internacionais auxiliares deviam superar. (AUROUX, 1998, p.389).

Com a extinção de uma língua, perde-se muito do que foi construído ao longo dos tempos através do envolvimento de seu povo e de seus falantes. Como fora dito em algumas linhas atrás, a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas a própria expressão de vida. Todos os elementos que constituem uma nação têm na língua um elemento aglutinador dos seus ideais, anseios e perspectivas.

Um indivíduo tem um direito imprescindível a se exprimir segundo as formas linguísticas que são as suas, e conseqüentemente na língua que ele escolhe; isso é válido igualmente para um grupo. Intelectual. (AUROUX, 1998, p.388)

Na visão de SylvainAuroux (1998), a categorização da língua é injustificável, devendo ser valorizada, independe de qual povo pertença. Neste mesmo entendimento, (CLEMENTE, 1994)legitima a diversidade dentre os povos.

Além disso, o conceito de superioridade ou inferioridade da língua estaria relacionado à concepção de raça ou nação. Logo, uma nação de língua *inferior* seria intelectualmente subjugada e submetida à tendência de mudança forçada da língua, como ocorria com os negros trazidos para o Brasil que falavam sua língua materna (CHRISTINO *apud* FARACO, 2002).

Aceitar ou repensar a relação de proximidade ou distanciamento no que tange à variedade entre as línguas devem ser postas em pauta. Faz-se necessário uma interpretação mais profunda em relação aos limites que existem entre as línguas. Já que estas fazem parte da cultura de um povo.

É importante também evidenciar o racismo linguístico presente na Espanha, especificamente na região da Galícia, situada no noroeste da Península Ibérica. Nesta região, há um grande conflito linguístico entre o *Castelhano*, que é falado pela

grande maioria dos espanhóis, o *basco*, o *catalão* e o *galego* que é falado principalmente entre os povos que moram na Galícia. O menosprezo a que esta última língua está submetida é o exemplo de como um povo que sofre o racismo linguístico e, portanto é discriminado com sua própria língua em seu território.

Todo esquecimento e desprezo que são proporcionados ao *galego* podem ser considerados como um “(...) Racismo linguístico, isto é, o racismo aplicado às línguas”, sendo que “considerar bárbaras as pessoas que não falam sua língua é um exemplo que pode ser considerado como exemplo de racismo linguístico”. (FREIXIERO MATO, 2009, p.55).

O *galego* como qualquer outra língua, tem utilidades práticas, mas é desvalorizada ao longo do seu território. O *castelhano* tenta se impor como modelo linguístico único no território espanhol. Freixiero Mato (2009) corrobora ao dizer que “o racismo linguístico na Galiza é um fenómeno de longa trajectória, [sic] amparado historicamente pelo Estado espanhol e hoje reforçado por colectivos [sic] golpistas, bífidos [sic], que procuram somente a erradicação [sic] total da nossa língua”.³

Atualmente, mesmo diante das diversas maneiras de comunicação encontradas na sociedade brasileira, o Racismo linguístico ainda se faz presente. Porém, no Brasil esta doutrina se manifesta de maneira distinta. Esse racismo, debatido e pesquisado pelo professor Dante Lucchesi, é construído dentro de uma mesma língua e não entre línguas, como foi apresentado anteriormente.

Através do *segregacionismo linguístico*, a sociedade é classificada, caracterizada e hierarquizada por pessoas *inferiores* e *superiores*. O julgamento se dá pela cultura, tradição, classe social, modo de falar, agir e viver. Dessa forma

(...)o preconceito linguístico das elites brasileiras não tem apenas um carácter social excludente e discricionário, ele tem um carácter claramente racista, na medida que condena ao estigma social precisamente as marcas linguísticas mais notáveis do carácter pluriétnico da sociedade brasileira. Pode-se falar, assim, de um racismo linguístico ainda vigente, e que atua impunemente como instrumento de dominação ideológica na sociedade brasileira. (LUCCHESI, 2009, p.535).

³Disponível em: <http://www.pglingua.org/noticias/informante/2061-na-galiza-so-em-castelhano> Acessado em: 20.08.2012

Lucchesi (sd)⁴ acrescenta que esse preconceito sobre as falas populares existe devido à ausência de concordância nominal e verbal.

(...) os reflexos mais notáveis do contato entre línguas na formação do português popular brasileiro são exatamente a ampla variação no emprego dos mecanismos de concordância nominal e verbal (e.g., *meus amigo não chegou ainda*, ao invés de *meus amigos não chegaram ainda*) e da flexão de caso dos pronomes pessoais (e.g., *ele encontrou nós na feira*, ao invés de *ele nos encontrou na feira*). (p. 18).⁵

E, como se demonstrou aqui, a escolha da concordância como alvo principal do preconceito tem historicamente uma motivação racista. Porém, se a discriminação racial e sexual não são mais tolerados, o racismo linguístico ainda segue impune como ideologia dominante na sociedade. (op. Cit,p.19)

Dante Lucchesi (2009) assegura que o racismo linguístico não é somente linguístico em sua essência, é também um preconceito de culturas e etnias que muitas vezes torna-se um preconceito social. Dessa forma, o racismo linguístico é um agente determinante da exclusão social, econômica, política e cultural. E isso sempre recai às pessoas de classe baixa, pobre e negra, que devido sua à história foram colocadas numa base inferior e desumana da sociedade.

(...) Mas, se nos outros planos da cultura o legado cultural africano e indígena já foi incorporado, a língua ainda se mantém como o terreno do preconceito e da intolerância. A violenta discriminação social que se abate sobre essas marcas da fala popular, usada por mais de dois terços da população brasileira de baixa renda (onde se concentram os índios e afro-descendentes), constitui um poderoso instrumento para a legitimação ideológica de um projeto de concentração de renda e exclusão social. Utilizando a língua para desqualificar esses segmentos como inferiores e incapazes, as classes dominantes justificam no plano da ideologia a sua exploração.(LUCCHESI,sd, p. 19).

⁴ Disponível em: <http://www.abralin.org/noticia/Dante.pdf>. Acessado em : 15.08. 2012

⁵ Disponível em: <http://www.abralin.org/noticia/Dante.pdf>. Acessado em : 15.08. 2012

Barbalho (2010)⁶ segue a mesma linha de pensamento do escritor Dante Lucchesi em relação ao racismo linguístico na análise de um dos poemas de Carlos Drummond de Andrade:

Para dizerem milho dizem mio
 Para melhor dizem mió
 Para pior pió
 Para telha dizem teia
 Para telhado dizem teiado
 E vão fazendo telhados. (ANDRADE, 2003, p. 119)

Percebemos que quando o escritor afirma "vão fazendo telhados", o mesmo revela um grande respeito pelos falantes, valorizando-os pela importância de sua função social que construir casas. É possível perceber que o problema não está na escolha de "teiado", mas na diferença que existe entre os que enunciam as duas formas da mesma palavra. São diferentes, já a partir da língua utilizada por eles, e tem prestígio social o que enuncia a forma "telhado", em detrimento dos que usam "teiado". Fica claro que a maneira que eles têm de falar? e irrelevante, o importante é a função indispensável que exercem na sociedade. Percebemos no poema em análise um vício de fala que rebela-se contra uma espécie de racismo linguístico que não está representado pela diferença de línguas estrangeiras, como já se pode perceber, mas pela diferença de línguas dentro de uma mesma língua, diferença que, por muitas vezes, segrega.

Percebe-se ainda, que os dialetos caipiras tem sofrido grande repressão cotidianamente; se diluíram com a influência do rádio e com o contato de seus falantes com pessoas das cidades, o que tem causado uma perda considerável da originalidade linguística dessas comunidades. (MELO, 1975, p.70).

Sendo assim, o racismo linguístico existente, depende muito do valor cultural que a fala adquiriu na sociedade. O valor negativo desta linguagem é produto de uma ideologia social que menospreza o indivíduo com falares próprio. Diante disso, entende-se que o racismo linguístico revela muito o conflito social entre as variedades de uma mesma língua.

⁶Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-da-oralidade-na-escrita/51073/Acessado em:13.09.2012>

4 METODOLOGIA

A pesquisa é um processo de construção e reconstrução do conhecimento. É o meio de encontrar possíveis respostas e soluções para um problema. Segundo Minayo (apud SILVA, 2005), a pesquisa é uma atividade de constantes buscas, que norteia caminhos às novas descobertas e aproximação da realidade, num processo permanente e inacabado.

Neste sentido o método utilizado neste trabalho foi baseado na pesquisa de campo, que tem como finalidade estudar os problemas, limites e potencialidades de indivíduos, grupos sociais, comunidades, dentre outros elementos, extraindo e coletando dados e informações para o propósito de compreender o imbricado entrelaçamento de fatores que resultaram em uma problemática social. O livro “*A pesquisa sociolinguística*” de Fernando Tarallo (1990) mostra que a pesquisa de campo não é difícil, mas também não é fácil; que o pesquisador deve ter o máximo de cuidado ao chegar ao ambiente estudado, escutar com atenção os relatos e não ser indiferente, caso contrário, criaria uma barreira entre o pesquisador e o sujeito pesquisado.

Com esse pensamento foi empregada a estratégia do estudo de caso, pois permite o contato com uma realidade social e busca-se a interpretação dos fatos de maneira bem intensa e aproximada. Segundo Goode e Hatt (1999, apud LAZZARINI 1995, p.17), o estudo de caso é uma metodologia aplicada para avaliar a presença do ser humano em situações dinâmicas, decodificando a complexidade de um caso em um objeto delimitado.

A pesquisa também pode ser denominada como exploratória, por se familiarizar com o problema, envolvendo o levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de dados para auxiliar a compreensão (GIL, 1991). Tem um caráter de abordagem qualitativa, pois ela envolve uma relação significativa entre o mundo real e a subjetividade do sujeito. O ambiente natural é o local propício para a coleta de dados. Assim “a finalidade da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão.” (BAUER; GASKELL, 2008, p.68)

Sendo assim, a investigação da pesquisa foi realizada nos dias 16 e 23 dos mês de abril de 2012. Teve como público-alvo: jovens e idosos entre 20 a 80 anos de idade. Sendo entrevistadas 9 pessoas, na comunidade de Vereda dos Cais e dez, na comunidade de Sapé. Para alcançar a proposta da pesquisa, ela foi dividida nas seguintes etapas:

1ª. Etapa: procedimento técnico com a pesquisa bibliográfica. Com esse subsídio foi apontado no referencial teórico as principais contribuições de alguns escritores que tratam do Tema, dentre eles estão, Lucchesi (2009), Auroux (1998), Bagno (1999, 2001), Fiorin (2000, 2001), Neves (2003), Eagleton (1997), Gnerre (1998), Souza (2001), Silva, (2010, 2011), Turra-Venturi (1995), Schwarcz (2001), Ferreira (1986), dentre outros autores.

2ª. Etapa: Pesquisa exploratória e de campo através de entrevistas. Foi realizada uma visita nas duas comunidades, de residência em residência que possibilitou o contato direto com os sujeitos e as informações do local.

Antes mesmo de se iniciarem as entrevistas houve uma conversa “informal”, o que possibilitou uma maior articulação e interação entre os pesquisadores e pesquisados, em que ambos buscavam uma compreensão mútua que possibilitasse maior aceitação na convivência (Minayo, 2003). Este contato foi importante e cauteloso, pois é o momento de entrosamento e de conquista da confiança dos envolvidos, sendo seguido de entrevistas realizadas nas próprias casas dos moradores.

O roteiro de entrevista foi elaborado pelos pesquisadores. Antes de iniciá-la, houve a necessidade de ler alguns livros que serviram de subsídio na elaboração das perguntas. Além das reflexões proporcionadas pela Antropologia discutida por MARCONI (1986) que possibilitaram ferramentas indispensáveis para assim entender o comportamento das pessoas; interpretar o que há por trás de suas falas e como eles representam e apresentam o mundo em que vivem. Dessa maneira, foi possível pensar nas possíveis perguntas de acordo com o tema da pesquisa.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, somando aproximadamente 27 perguntas (vide apêndices), possibilitando que os pesquisadores alcançassem seus objetivos, especificando algumas questões e ao mesmo tempo dando a oportunidade ao entrevistado de fazer suas colocações de forma livre e espontânea.

Em campo, para facilitar o processo de análise dos dados, foram utilizados recursos tecnológicos no ato da entrevista como: máquina digital, aparelho celular

para gravação de vídeo e o Notebook. Esse processo foi importante para armazenar os relatos e facilitar o desempenho da pesquisa, já que podemos recorrer aos registros quando necessário.

3ª Fase: transcrição do material. Foi realizada a transcrição dos materiais gravados e em seguida selecionados os relatos que mais caracterizavam o tema da pesquisa. Ocorreu de forma lenta e cansativa, exigindo muita paciência e cautela por parte dos pesquisadores, pois, houve a necessidade de voltar várias vezes à gravação para certificar-se da real conversação dos sujeitos. Segundo Jovchelovitch e Bauer (*apud*; GASKELL, 2008, p.106). Por mais que seja cansativa e monótona, a transcrição é indispensável para obter um bom desempenho ao interpretar o texto.

4ª Etapa: análise do Material. Foram selecionados os relatos dos moradores que mais se aproximava do tema da pesquisa e em seguida foram confrontados com alguns teóricos mencionados no referencial teórico. Para isso, foram atribuídos nomes fictícios aos moradores, para que suas identidades fossem protegidas e evitar futuros conflitos.

As narrativas encontradas nas comunidades apontaram para alguns acontecimentos históricos brasileiros como, a escravidão, a expropriação de terras e relataram várias versões sobre a origem das comunidades quilombolas em estudo. Nesse sentido, a história “(...) tanto representa o indivíduo (ou uma coletividade), como se refere ao mundo além do indivíduo” Jovchelovitch e (*apud* ; GASKELL, 2008, p.110). Sendo assim, algumas poucas histórias relatadas (nas comunidades) se transformavam em história oral.

A História Oral tem sido transmitida em todas as épocas de boca em boca e vem sendo muito utilizada nas pesquisas sociais. É uma técnica de coleta de dados complexa e que investiga os acontecimentos registrados na memória dos sujeitos sociais, visando compreender a sociedade. (LEVI 1996).

5 O UNIVERSO INVESTIGATIVO DOS SUJEITOS SOCIAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

5.1 Primeiros Contatos e os Sujeitos da Pesquisa

A presente pesquisa não deixa de ter uma conotação política, pois é uma forma de luta e de resistência ao pré-conceito, a discriminação racial e ao racismo que ainda se perpetua em nosso contexto social. É uma maneira de despertar a conscientização da sociedade de uma forma geral à causa, para que esses sujeitos, remanescentes quilombolas, tenham o seu merecido valor e respeito, em todos os sentidos - na cultura, tradição, história e na linguagem. Ao mesmo tempo a pesquisa foi importante para o nosso processo de formação acadêmica, professores-educadores, na perspectiva de uma educação voltada para a perspectiva compreensiva (WEBER apud MINAYO,1999) na busca de conhecer o outro, historicamente excluído enquanto sujeito histórico, político e culturalmente situado em seu *ethos*, dentro de um Estado-nação compreendido e reconhecido em sua Carta Magna de 1988 e na LDB através da Lei 10.639/03 como etnicamente pluricultural.

Esse empreendimento foi deveras importante para o nosso ensino aprendizagem, pois saímos do nosso cotidiano para entender o outro, ou seja, se colocar no lugar do outro e trazer para o ambiente acadêmico e para a sociedade seus problemas e a diversidade cultural que faz parte do nosso entorno, da nossa cultura e da nossa história, mas que desconhecemos, para que sejam revistas e respeitadas e inseridas no contexto sócio educacional.

Vereda dos Cais foi a primeira comunidade que visitamos, entramos em contato por telefone, com o presidente da comunidade Emerson que de imediato havia se mostrado um grande colaborador. Ao chegarmos ao local nos cumprimentamos, em seguida seguimos para sua casa. Lá estavam sua esposa e uma filha, os outros estudavam em outra cidade, em um curso técnico em agricultura familiar. Conversamos mais um pouco para nos aproximar e ali mesmo começamos a entrevista, ele falava muito baixo o que dificultava o nosso entendimento.

A partir daí começamos a visitar as demais famílias acompanhados pelo presidente. Antes mesmo de iniciar a entrevista tivemos uma conversa “informal”, para nos aproximar. Possibilitando uma maior interação sendo esta uma articulação necessária para um intercâmbio entre pesquisador e pesquisado em que ambos buscam uma compreensão mútua que possibilite maior aceitação na convivência (Minayo, 2003).

Muitas pessoas sentiam vergonha, alegavam que não sabiam falar, mas nós tentávamos o máximo em deixá-los à vontade; orientamos sobre o tema proposto e que se tratava de assuntos relacionados à comunidade, das suas vidas e se não soubessem responder que não teria problema.

No período da manhã foram poucas famílias visitadas, demoramos no desenrolar das entrevistas, pois era o primeiro contato, então conversamos bastante.

No horário de meio dia, retornamos a casa do presidente e almoçamos conjuntamente, embora tivermos levado almoço. A aceitação de almoçarmos juntos trouxe mais um fator de aproximação entre entrevistadores e entrevistados, já que se negássemos as divisões na hora do almoço estaríamos nos distanciando deles.

No período da tarde as entrevistas foram mais rápidas. Dessa vez quem nos acompanhou foi a agente comunitária de saúde.

Os moradores de Vereda dos Cais foram muito receptivos conosco haja vista que sempre nos atendiam muito bem, creio que o fator “cor da pele” tenha influenciado positivamente na familiaridade conosco. É um povo extremamente acolhedor e sempre estavam preocupados em nos agradar, isso por sua vez facilitou e muito nossa atividade investigativa. Em ambas as comunidades as pessoas transpareciam um conhecimento, uma sabedoria e uma experiência de vida, tanto quanto uma pessoa que passou a vida toda estudando. Em alguns momentos o que nos deixava encantados, era a forma que respondiam as questões, não só respondiam, mas dava continuidade a uma longa história de vida.

Para muitas pesquisas, a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análise do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo

da dimensão coletiva a partir da visão individual. (NETO apud org. MINAYO, 2003, p. 59)

Na comunidade de Sapé, estávamos mais tranquilos, devido a experiência anterior em Vereda dos Cais. Entramos em contato com a presidente da comunidade, que para nossa sorte é também agente comunitária de saúde, porque são esses que fazem acompanhamentos de pesquisadores na comunidade, dando credibilidade aos moradores da nossa presença.

A comunidade de Sapé não se diferencia muito de Vereda dos Cais no que se diz ao acolhimento. No local, pela manhã, a agente comunitária nos acompanhou e a tarde foi o seu irmão, antigo presidente da comunidade. Este tinha um orgulho e consciência muito grande em relação a ser negro aceitar-se quilombola, ele não permite o silêncio de sua voz, tem sua identidade, e luta pelos benefícios para o local onde mora, defende seus direitos e do outrem. Ficamos felizes pelas suas iniciativas, pois é muito difícil lutar pelo seu povo devido às controvérsias. Por diversas vezes ele relatava situações que o impedia de lutar; já foi ameaçado de morte, algumas pessoas achavam que ele queria ganhar dinheiro, dentre outras situações. Ele foi um grande colaborador e muito significativo, durante as entrevistas, ao mencionar uma pergunta aos entrevistados, muitas vezes ele acabava respondendo de um ponto de vista bem crítico, descontraído e engraçado, fazendo com que a conversa fluísse.

As tradições no que diz respeito cultura, também estão se perdendo, já que até mesmos os mais velhos com idade de aproximadamente 60 anos, não sabem mais as cantigas de roda, situação só lembrada por poucos idosos, mesmo assim estes que ainda lembram estão esquecendo por conta de não ter com quem compartilhar esta cultura que sempre careceu de um envolvimento de muitas pessoas para cantar e outras para responder aos cantos.

A tradição do uso e aprendizagem de instrumentos musicais em Vereda dos Cais não se faz de forma contínua, pois os mesmos são considerados inferiores por parte de alguns membros da comunidade, já que os instrumentos de lá representam a cultura negra. Podemos notar que houve um abandono da prática desses instrumentos, como relata o morador José Antônio:

(...) iu num sei purquenumas parte o grupo de reizado o povo acha que é uns intrumento inferior e umas pessoa foi deixano mais tem umas pessoas que sabe na comunidade tocar gaita, bate bumbo e o reco-reco, ainda sabe, pode fazer feio, mais teem umas brincadeira até hoje de cantar reis só que parou né, caiu mais.

A partir do envolvimento dos mais jovens com outras culturas como o forró e o samba, o reizado caiu no esquecimento, ou simplesmente deu lugar a outras formações culturais mais ouvidas. A mudança do contexto social juntamente com as músicas vistas na TV e no rádio pôde ter acarretado o abandono de seus costumes mais tradicionais.

5.2 Condições Socioeconômicas das Comunidades

A partir do reconhecimento de ambas as comunidades como quilombolas, elas foram beneficiadas com ações públicas como luz e água para todos entre outros, mas, os moradores ainda reclamam a falta de transporte, assistência médica, água e outras ações básicas para as comunidades.

Na comunidade de Vereda dos Cais, poucos são aposentados, a maioria vive da agricultura de subsistência e comercial, (mandioca-fabricação de farinha), a maioria dos jovens se dedicam a cursos técnicos em agricultura, principalmente na EFA (Escola Família Agrícola) de Riacho de Santana-BA. É uma das poucas opções existentes, mesmo assim quando terminam o curso, precisam sair da localidade, para se deslocarem para as cidades ou até mesmo sair do estado da Bahia para buscar melhores condições econômicas.

Segundo relatos dos próprios habitantes há um grande número de pessoas que foram trabalhar no corte de cana nos estados de Mato Grosso e São Paulo, porque não conseguiu algo melhor por ali, por falta de qualificação profissional e baixa escolaridade.

A educação em Vereda dos Cais fica a desejar, não há escola e os moradores precisam sair da localidade para estudar no distrito de Maniaçu ou até mesmo em Caetité. O transporte escolar não passa por todas as casas, obrigando os alunos se deslocarem muito cedo de suas casas, para pegar o ônibus numa

estrada distante. Também é precária assistência à saúde, enfim faltam mais iniciativas das políticas públicas.

A falta de água é alarmante, durante as entrevistas, essa situação era muito citada pelos moradores, a bomba que bombeava a água havia quebrado e estava em poder do prefeito a pouco mais de 20 dias. Presenciamos plantações murchas. A água era embaçada, mal dava para o banho, lavar roupas preparar alimentos, e dar para os animais. A que tinha era somente para beber.

A questão da falta de água se alastra principalmente nos nordeste, estamos vivendo um momento de seca. Cerca de 1.013 cidades nordestinas estão em estado de emergência.

A Bahia é o estado mais afetado pela seca, com 230 Municípios em Situação de Emergência. São mais de 500 mil pessoas afetadas, de acordo com a Defesa Civil do Estado. A Paraíba tem 197 Municípios na mesma situação, seguida do Rio Grande do Norte, com 139.⁷

O governo tem suas iniciativas, emergenciais para amenizar os problemas com programas de cisternas, carros pipas, dentre outros, mas, infelizmente não chega para todos e quando aparece é de maneira precária e tardia.

Segundo seu Estevão o Quilombola de Vereda dos Cais é um fator de disputa entre os municípios de Caetité e Paramirim, pois segundo os moradores quando há pesquisa do IBGE, os servidores deste instituto saem de Paramirim e entrevistam os moradores de Vereda dos Cais como se fossem do seu município, tentando assim, abraçar os benefícios vindos do governo federal e no final não investem na comunidade, e Caetité por falta deste recurso não investiria por falta de verbas, não nos aprofundamos para saber a veracidade deste fato.

A realidade de Sapé não é diferente da comunidade rural de Vereda dos Cais, poucas pessoas são aposentadas. Além de ser uma comunidade muito carente não tem muitos meios de sobrevivência, restando poucas alternativas como a criação de cabra, galinha, bovinos, embora não tem muito êxito e uma pequena agricultura de subsistência, outros vivem da plantação de mandioca e fabricação de farinha para comercialização.

⁷Disponível em:[http://www.saomiguelnews.com.br/2012/06/1013-municipios-nordestinos- ja.html](http://www.saomiguelnews.com.br/2012/06/1013-municipios-nordestinos-ja.html)
Acessado em :16.09.2012

No relato a seguir, confirma-se o que realmente acontece nessa comunidade.

Olha eles vevim aqui assim ô; eles planta a mandioca, faz a farinha, vende a farinha, vende a tapioca, trabalha de um dia com um sirviço ali, com o bolsa família, é ...aqui também agente planta algumas hortas, pra poder tá ajudano na alimentação né, tem o criatório de galinha ai que foi um projeto que agente fez com ajuda de ovos, eles criamgalinha; pega um frango, mata ou vende né, algum tem a cabeça de gado assim, quando aperta muito vende né, e vaivivendo dessa forma. Agente não tem uma coisa fixa específica pra gente só viver só daquilo, a não ser a mandioca mesmo. (Neide)

Antigamente a plantação da mandioca era a principal forma de sobrevivência de ambas as comunidades. É incrível que até hoje os moradores vivem da lavoura da mandioca.

Em Sapé como já foi mencionado acima, felizmente alguns projetos como a criação de alguns animais, vem sendo implementados para beneficiar o coletivo, porém alguns sem muito sucesso, dentre eles a criação de Cabras, pois as onças se alimentavam dos animais e os moradores tiveram uma grande rejeição, como pode perceber no relato que se segue de José Ribeiro, 65 anos.

(...) aqui em 96, nois fizemos um projetin [...] fizemo uma experiência e esse projeto nan teve um resultado tão positivo, por que aqui era chei da onça suçuarana, um monte de problemas que deu errado... aí, e aí meu amigo, o pessoal aproveitaram disso pra fazer crítica, parece que era incentivado por algumas outros. Neguin de Sapé vai morrer junto com essas cabrinhas, quem é que bebe leite de cabra, crendiospade, leite de cabra é só pra negro, é quédizê... mas era tanta critica que fazia dagente e botava na cabeça das pessoas, que não sei o que... um monte de coisa e eu tava na frente do projeto... Um boi é 100 cabra pra valer uma vaca. E negocio de plantá palma, virou porco, o povo de Sapé virou tudo porco, só vai comer palma, a porcada de Sapé só vai comé palma. Gente paga [...] com palma. Morreram tudo com imbigointerrado, [...] nunca mais eu pago esse projeto, quem que vi dizer que palma e cabra paga projeto? Vai morrer tudo isturricado lá ni Sapé.

Recentemente em Sapé foi contemplado com o projeto do governo federal “Minha casa Minha vida”, porém algumas casas ainda estão em fase de conclusão. Que por sinal é muito lento; os materiais de construção chegam pela metade.

Não há escola e os estudantes se deslocam para o distrito de Caldeiras, ou para as cidades de Caetité ou Tanque Novo. Os estudantes são crianças e jovens. A

maioria dos jovens e idosos é analfabeta ou não concluíram o ensino fundamental. Geralmente os idosos apresentavam mais deficiência nos estudos, como pode perceber na fala de Raimundo de 70 anos de idade.

Eu estudei um mês, o primeiro ano né, não estudou mais nunca, só sei mesmo assinar meu nome, pagou até um mês, aprendi só mesmo assinar o nome. Naquele tempo meu pai era fraco não usava escola era pago arrumava um professor pagava e meu pai não tinha condições de botar de pagar. Pagou um mês ali, foi até o pai dessa Lúcia ai que ensinou, é meu ti, ensinou na chapada, nois estudava na chapada, ia de a pé e assim mesmo foi um mês sozin.(Sapé)

Pela idade de Raimundo percebe-se que na época o acesso a escola era muito mais difícil. O direito ao estudo era restrito apenas para aqueles que tinham grande poder aquisitivo e poderia pagar. Sobre isso(GAMA, sd, p.4)⁸afirma que:

A preocupação maior estava na educação, com a moral e os bons costumes. Portanto, criava-se escolas e preparavam bons cidadãos pois, as escolas eram um meio de ascensão social.Estas, por sua vez, cumpriam o papel de educar as camadas mais abastadas da sociedade. A escola preparava os filhos dos grandes proprietários para se dedicarem à política e ocuparem cargos públicos.

A migração nesta comunidade também é grande já que faltam trabalhos com boa remuneração para seus habitantes. A falta de água também é real, não é encanada e os moradores contam com as chuvas que no momento estão escassas.

Em relação a saúde pública eles alegam que precisa de melhoras. Sempre que precisam de assistência médica, tem que se dirigir para Caetité, se for uma urgência a situação fica complicada. Existe o acompanhamento da agente de saúde na própria comunidade, mas, ela apenas mede a pressão arterial, agenda e orienta consulta médicas. Os exames demoram meses para serem realizados.

Diante desse quadro chegamos a conclusão que aexperiência foi importante, significativa e gratificante, pois conhecemos outra realidade que nos deixa feliz e ao mesmo tempo triste; feliz pela simplicidade das pessoas, suas disposições para trabalhar e triste pelo descaso sofrido e vivenciado: precisam de mais iniciativas

⁸Disponível em:http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/alexandra_valeria.pdf
Acessado em:12.10.2012

públicas no que diz respeito as condições básicas do ser humano como saúde, escola e água.

A maioria das pessoas das comunidades ficarem contentes e esperançosos em saber que alguém se preocupava em ouvi-los e que a nossa visita, poderia ajudá-los de alguma maneira; sendo porta vozes, como foi dito por algumas pessoas. E nós pela contribuição com os relatos, acolhimento e de maneira geral o conhecimento.

5.3 Espaço Sócio Geográfico.

A cidade de Caetité encontra-se situada a região da Serra Geral da Bahia, localizado a aproximadamente 800 km da capital Salvador, com população de 47.524, limitando-se as extremidades dos municípios de Caculé, Brumado, Ibiassucê, Lagoa Real, Pindai, Guanambi, e Igaporã. A cidade recebe o nome de origem indígena; CAA ITA ETÉ que significa “mata da pedra grande” devido à existência de uma formação rochosa que fica logo ao leste da cidade intitulada por seus moradores como pedra grande.⁹

Pelo seu contexto histórico Caetité foi elevada a cidade em 12 de outubro do ano de 1867, em respaldo a rica concentração de pedras preciosas chamadas de ametistas existentes na região em que visava um artifício de crescimento econômico local.¹⁰

Atualmente a cidade consta com cinco distritos dentre eles a sede, Brejinho das Ametistas, Pajeú do Vento, Caldeiras e Maniaçu.¹¹ Os dois últimos foram anexados a cidade de Caetité, pelo decreto-lei estadual nº 11089, de 30-1938, onde

⁹ Disponível em :

<http://www2.uefs.br/geotropicos/DIAGNOSTICO%20SOCIOAMBIENTAL%20PARTICIPATIVO.pdf>.

Acessado em:17.11.2012

¹⁰ *idem*

¹¹ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=290520#>. Acessado em:17.11.2012

o distrito de Canabrava dos Caldeiras passou a denominar-se Caldeiras e o distrito de Junco Grande passou a chamar-se Maniaçu.

A comunidade Veredas dos cais fica a 53km quilômetros da sede pertencente ao distrito de Maniaçu, em sua proximidade se encontram as comunidades quilombolas já reconhecidas que são: Vargem do Sal, Contenda, Pau Ferro, Malhada, e as comunidades não certificadas em sua volta que são: Lagoa do Mato, Volta do Morro, Lagoinha, Santo Antônio do Tamboril, Lajedo do Oroca e Cangalha.

Sapé fica a 56km quilômetros da sede, pertencente ao distrito de Caldeiras, em sua proximidade há outras comunidades quilombolas já reconhecidas que são: Sambaíba e Mercês. E não certificadas, a comunidade de Lagoinha da Cobra; Segundo o último censo realizado em 2010 pelo IBGE, Maniaçu contém 934 habitantes na área urbana e 3.657 na zona rural sendo aproximadamente 65 pessoas pertencente a Vereda dos Cais. Em Caldeiras há 363 habitantes na área urbana, 2.351 na zona rural, e aproximadamente 48 habitantes na comunidade de Sapé. As comunidades de Vereda dos Cais e Sapé, aqui analisadas, foram reconhecidas e certificadas como quilombolas em 06/07/2010.¹²

¹²Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/2010/07/palmares-certifica-mais-47-comunidades-quilombolas/>. Acessado em: 17.11.2012

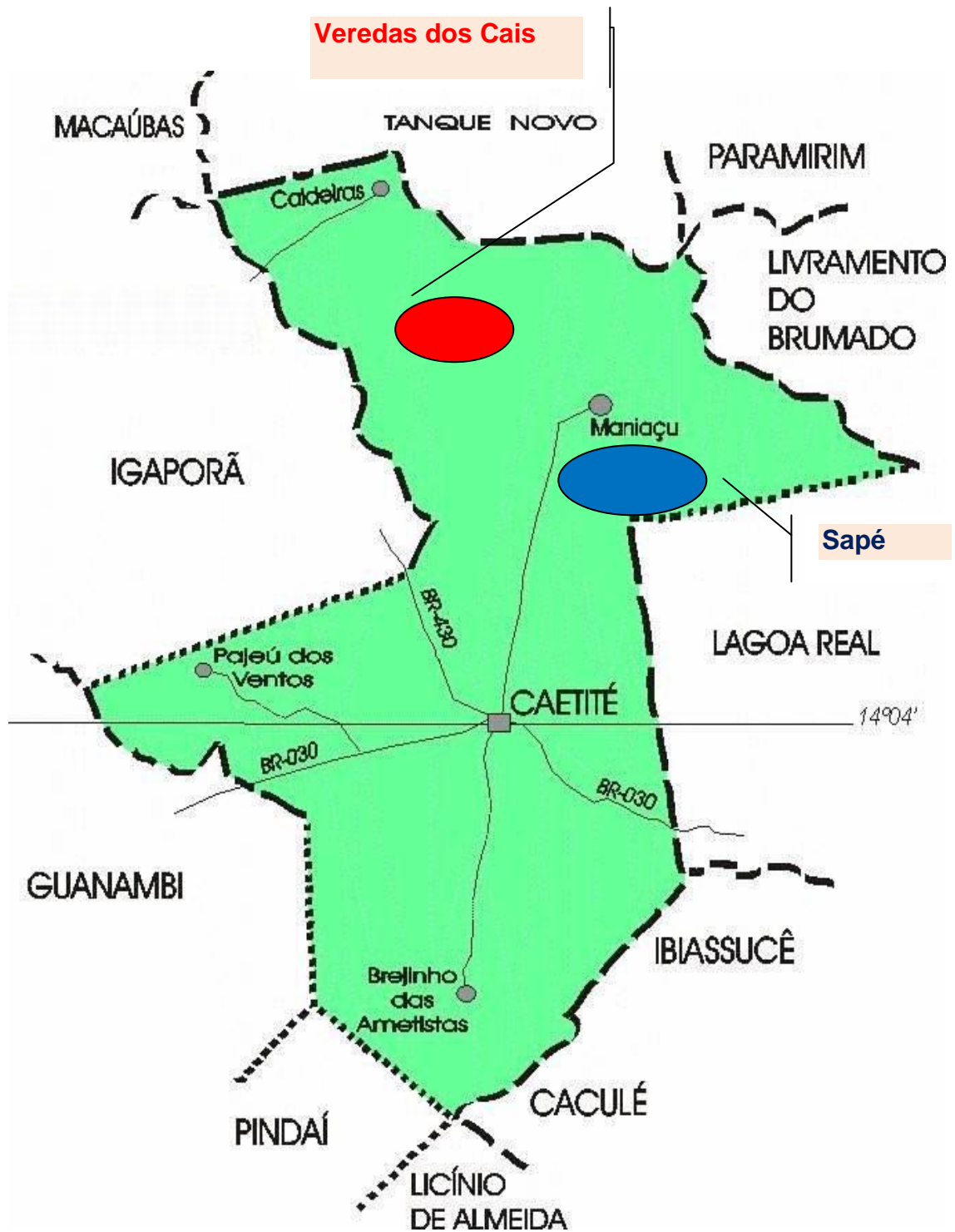


Figura1 – Estado da Bahia-Caetité- Mapa e localização da área de estudo.

Legenda : ■ ção de sapé ■ ção de vereda dos Cais

Fonte: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/1d7b269b07fee04a03256eae005ec615/e4d17ebedcc3e74a832573b4004fce3b/\\$FILE/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Caetite%C3%A9.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/1d7b269b07fee04a03256eae005ec615/e4d17ebedcc3e74a832573b4004fce3b/$FILE/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Caetite%C3%A9.pdf).

5.4 Origem das Comunidades Quilombolas:

5.4.1 Sapé

Baseado nos relatos orais, não se sabe ao certo a origem das comunidades, pois, as pessoas relatavam varias versões. Em Sapé a única história comum a todos é a existência de três famílias na comunidade e a partir delas, foram surgindo outras, tanto é que, a maioria ou senão todos são parentes. Isso se afirma no relato a seguir da senhora Marizete:

Ah! os primeiros moradores? Quando eu tinha uns 7 anos mais ou menos, aí eu conheci três famílias: que era Peto, finada(...) e joana. Então eu conheci a primeira comunidade com três famílias. E daí diante foram casando foram crescendo e só foi multiplicando tá. E a comunidade é desse tamanhi. (Sapé)

Mas, com um olhar investigativo dos pesquisadores foi possível tentar procurar alguns subsídios, de fatos históricos e autores que tratam dessa questão. Conforme (GAMA, sd, p.5).¹³

Na região de Caetité havia um florescente comércio de escravos praticado por muitos senhores, que mantinham fazendas para reprodução de negros. Esses negros além de abastecer o mercado também eram vendidos para alimentarem os cafezais paulistas. Muitos negros não ficaram na subserviência, rebelaram-se, assassinando seus senhores e fugindo para locais distantes como a Região do Rio das Rãs (Bom Jesus da lapa) e até dentro do próprio território de Caetité como as comunidades descobertas recentemente: Sambaíba, Sapé e Morros.

¹³Disponível em:http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/alexandra_valeria.pdf
Acessado em:12.10.2012

Isso se confirma na fala de Francisco de 65 anos. Em seu relato o morador deixa claro que seus pais foram filhos de escravos. Sendo que, seu pai morava em outra comunidade quilombola de Rio de Contas, se casando posteriormente com sua mãe que já residia na comunidade de Sapé. Permanecendo seu pai por ali.

Meus pai ele é original de quilombo lá de Rio de Contas e de Ibiatã [...]de minha família com Atilio, quera aqui de um grupo de negro[...] a gente de lá fala tudo diferente [...] cê lembra quando minha mãe falava minha irmã? Eles falava minha libã (...) na família de minha mãe as bisavó, a bisavó dela, quera irmã da mãe de Eliana que era índia e do lado do meu pai, meu pai sofreu, o pai dele fazeno cerca de pedra, a mãe dele, a mãe do meu pai, segundo meu pai contou pra mim, eu não sei se ele contou pá todos os filhos[...] que a mãe dele era explorada por senhores, senhores significa né? Senhores. Então na verdade a gente vei dessa tradição, quer dizer, isso tudo deixa a gente na condição de assumir a nossa identidade.

Nesse enlace matrimonial, os pais de Francisco tiveram no total 7 filhos. Logo abaixo, Francisco conta um pouco de sua infância escravizada, pelos fazendeiros do distrito vizinho, Caldeiras.

(...) Não é que Caldeiras é as mil maravilhas mas, lá tem uma terra boa, que tem água, as terras melhor que serviu para exploração do escravo, por que tinha duas casa lá que tinha [...] purão né, que tinha os purões né. Eu ainda conheci duas velhas que agente chamava ela de sinhá ni Caldeiras, nan [não] era sinhá por que... um apelido qualquer, era sinhá de privilégio, por que era sinhá[...] era velha vilota, e a outra era a própria de dona Morena, que também era tratado de sinhá, essas sinhás e a casa de Morena triturão e a vilota diz que cuidava la da casa do finado Herique, onde é que tinha outro purão, casas da mais antiga, foi dos descendentes políticos de Caldeiras, quer dizer, por que um Sapé vei morar aqui de cima da serra?, Entendeu? Por que que as famílias de Sapé, meu pai Atilio, foi eles que plantou hectares e mais hectares de mandioca, transformou tudo em farinha entregava para alguns exploradores de Caldeiras hoje que tem filhos de juiz de direitos, tem filho advogado, tem filho dotor, médico. Ninguém reconhece que foi meus pais e nois crianças que levou eles aquela altura, então isso é que me questiona.

Outro fato que se aproxima da história da origem da comunidade de Sapé, foi quando o entrevistado João Roberto afirmou que, no distrito de Cadeiras, na década de 80, moravam grandes “senhores” e fazendeiros (latifundiários). Estes fazendeiros e “senhores” exploraram muito a mão de obra dos moradores de Sapé e buscavam apropriarem-se da comunidade quilombola por varias vezes, já que, as terras de Sapé não tem escritura. Inclusive até hoje, este é uns dos grandes problemas

enfrentados pelos moradores: a falta de escritura da demarcação das terras. Este fato nos remete a outro contexto histórico, quando foi criada a “lei de terras” no ano de 1850, no momento em que favorecia a aquisição de terras aos grandes fazendeiros e/ou latifundiários. Nos dias atuais, a “lei de terra” não mudou muito, por falta de vontade política, pois as terras se concentram nas mãos de grandes fazendeiros, ela é considerada uma das mais velhas leis existente no país. No caso da comunidade de Sapé, na época (década de 80), os fazendeiros se viam no direito de tomar as terras. Vejamos o relato a seguir do entrevistado Antônio Vieira.

Nos já tivemos, só no meu lembrete aqui, três ameaça grande. Uma foi na década de 80 é... o fazendeiro, o cara aqui Antônio de Branco de Caldeiras foi considerado na época o maior grileiro da Bahia, naquela época. O cara grilou 8.000 hectares aqui, outras terras ai na região, uma posecomprou do finado [...]. Naquela época falava 40 hectares, com 40 hectares ele comprou 8.000 hectares, vendeu 8.000 hectares, todo mundo lembra de Dr Hugo Valéra, um homem por acaso muito bom como pessoa, não tem nada pra dizer contra Dr Hugo, agora o Antônio que queria vender os 8.000 hectares, reuniu os trabalhadores de Caldeiras [...] e queria cortar o Sapé e deixar só uns bloquizin com as casinha nossa aqui, não foi assim? Se nois não reunisse nossos pais, as pessoas mais véi, de machado e fosse atacar agente não tivesse tido, graça aguela época um curso que Dom Alberto encaminhou, noisni salvador, eu fui a pessoa escolhida naquela época e que a CPT [comissão pastoral da terra] passou esse curso, parece que foi uma semana de curso, eu vim de lá com novas experiência e juntos nos organizamos e defendemos nossas terras se não não tinha mais Sapé, não conseguiu devorar agente. (Sapé)

Neste relato acima é perceptível que naquela época o espaço geográfico da comunidade de Sapé foi desmembrado pela ambição de alguns fazendeiros, porém depois da década de 80, houve varias tentativas de tomada de terra (pelos fazendeiros de Caldeiras e de Caetité) na maioria das vezes sem êxito, pois os moradores de sapé sempre impediam com grandes manifestações e atos violentos.

Em outros momentos, os fazendeiros manipulavam as pessoas para vender as suas terras, mas, felizmente devido a experiência que os líderes das comunidades conseguiam em entidades, ONG's, que defendiam o homem do campo, fizeram com que eles defendessem e lutassem pela suas terras. Uma vez que o povo luta pelo seu território, não é somente pelo espaço, também esta incluída a sua cultura, seu povo e a sua forma de viver.

Hoje eles vivem o mesmo dilema enfrentando não mais os fazendeiros, mas as grandes empresas como a Renova Energia, que produz energia eólica, e

necessitam do solo para instalarem as torres de cata-vento, e que arrendaram algumas de suas terras. Maria Lúcia afirma que “agora no momento tem essa firma (empresa) aí, fez esse arredamento, mas não falou se até o momento de tomar né, mas agente tem muito medo” (Sapé).

Por falta de informações, ou por necessitarem de dinheiro, alguns membros das comunidades aceitaram e assinaram contratos, alguns se dizem arrependidos, pois os valores são desprezíveis, mas não tiveram outra opção para conseguirem alguma renda.

É perceptível que as empresas estão adquirindo terras, realizando contratos de arrendamento que não protegem os direitos dos moradores, elas não olham muito para o lado humano, e agem em seu benefício próprio. Essas empresas aproximam-se das pessoas de tal forma, utilizam seu poder de persuasão, e induz as pessoas a tomarem decisões precipitadas, por talvez não entenderem o que esta se passando. Confundindo os moradores, alegando que são para “beneficia-los”.

Segundo a lei de Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), as terras devolutas e as que já habitam pessoas de comunidades tradicionais, têm direito de permanecerem em suas terras. Sendo proibida toda e qualquer intervenção de terceiros.

Por outro lado havia muitas pessoas que não aceitaram o arrendamento por sentirem inseguros com as empresas e se mostraram sábios em proteger seu espaço.

Não tamos contra arrendar, negociar com a [...empresa], não é isso, agora fazer de forma segura, que que é de forma segura? uma delas , o que que tá na lei, a demarcação das terras de quilombo. É lei, é beneficio pra nois e nois sabe que na comunidade, nois tem pessoas que não táentendeno esse beneficio, querem [quer] dizer, nois é dono dessa propriedade aqui do meu pai com direito frente, observa, a escritura marca tantos hectares com direito as terras [devolutas] só que as terras [devolutas] nos precisamos do documento até hoje, só que a Eólica nos alugou, nos arrendou já até deus, já pagou, pagou não essa michariado [devolutas], fez a promessa de nos dá o documento, mas vem cá, esse advogado tem tudo, vai queles fala, nos não vamos dar documento eles não, vamos colocar as torres. Prudistras da serra ali de quem é? É deles, nos vamos dizer que é nosso de que forma? Não tem a demarcação da comunidade quilombo, nos vamos dizer que é nosso de que forma? Mesmo assim, tem gente que não tá entendeno, é complicado. Pra mim mandar um documento do INCRA ni Brasília [...] ou agente acompanhar através de uma comissão das comunidade de quilombo sem aceitação 100%, de qualquer maneira fica um problema pá trás [risos]

5.4.2 Vereda dos Cais

Somente alguns moradores da comunidade de Vereda dos Cais sabem destacar como se originou a comunidade em que vivem, mas, pode-se afirmar que ocorriam fugas de negros resistindo à escravidão, buscando assim sua liberdade. Entre os moradores mais idosos há relatos orais sobre esse povoamento, fugas e modo de vida dos negros que ainda eram cativos no período da escravidão, porém, nem todos conhecem a história que dá origem ao povoado aqui citado, poucos idosos do local tem conhecimento de como ocorreu a chegada dos seus ascendentes nestas terras, entre as histórias, há alguns relatos que podem ser levados em consideração, um deles é o conto de seu José Antônio que revela, como foi a chegada dos primeiros habitantes neste local, segundo seus conhecimentos e contos orais transmitidos pelos seus pais e avós foi da seguinte maneira:

Mais ô menos agente sabe, purquê eu falo com a chegada da minha avó aqui na comunidade ela veio de uma região aqui de Ibiassucê, São Sebastião da comunidade aqui de Ibiassucê, ela veio aqui só ela cum duas irmã refugiada de lá pra cá e entrou num, e intrô aqui num terreno que é nosso hoje, aqui incrusivenois, nem tinha documento dele, agora consiliar e conseguiu o documento. Ela vêi pra e ficou ai uns tempo só iscondida por ai e foi trabaiando, hoje já tem uma geração dela aqui que tem mais ô menos – chovê - as família nossa, umas trinta a quarenta pessoas que é parente nosso ai na comunidade.

Nota-se pelo argumento do declarante que sua avó e as irmãs dela vieram da região de Ibiassucê, foragidas em busca de liberdade.

Na narrativa a seguir, contada por Dona Joana Maria, notamos que seus ascendentes também eram cativos e também viveram no período de escravidão:

O cativo disse que é assim: que nem meu pai tambeintrabaiô mais o moço botava o homi cativo fazia o que ele queria, se naumfazisse o que ele mandava: taca, se falá assim: “você vai ali”, você foi lá e num fazia (...) volte nessa hora se demorasse um poquium, taca. O meu pai, o finado meu padim mesmo disse que era cativo, da famia dos cativero o meu padinho Zé de Milto que é o pai da minha mãe.

Mesmo após escaparem da escravidão muitas dessas pessoas continuam condenadas a uma vida sofrida, pois muitas vezes o nível educacional é baixo e ficam com a única opção de trabalharem na zona rural com agricultura e/ou

pecuária. Referente às dificuldades encontradas em suas vidas notamos na fala de Reginaldo qual o ponto de vista dele: “Porque a comunidade é mais famílias negras sabe? Aí a gente se considera como quilombola, criada assim (...) sofrida assim trabaiano pesado”. (Vereda dos Cais)

Quem encaminhou Vereda dos Cais no processo para reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo foi uma freira italiana chamada de “Irmã Teresa”. Segundo seu Júlio, foi ela que ajudou e conscientizou os povos daquela localidade a se reconhecerem como quilombolas e ajudando-os através de doações trazidas da Itália.

Eu sempre tenho orgulho, além de a gente buscar resgatar muitas coisas dos nossos antepassados teintambeinfacilitá mais a gente consegui alguns projeto, na hora que a gente não teve nenhum projeto, os projeto que teve foi tudo piquininim, que nois conseguiu o que comer, conseguiu um poço tocado cum aquele negócio do vento por causo que já tein tempo, tein muitos anos foi com a irmã que vêi aí que ela conversando falô “ah voceis são quilombola e naum sabe”, ela que começôlevá esse nosso conhecimento e foi embora , ai qual foi o país que ela foi embora ? chegô lá ela feiz uma coleta, acho que foi na Itália, junto com uns aluno de lá de uma escola.

Mesmo após todos os problemas enfrentados para conquista e aquisição de suas terras os moradores de Vereda dos Cais tem de conviver com o arrendamento e venda de suas terras por necessidade financeira, segundo eles, têm poucas fontes de renda, fazendo com que tenham que recorrer a outros meios para conseguirem dinheiro, mas nem todos os moradores concordam com essa ideia e resistem às vendas e locações.

Querendo comprá já vêi né, agora alguém tein de fazer esse estudo da comunidade ,tein que midi, tá com o recentemente vei aquela FT que é de Curitiba que é uma empresa que tanto arrenda como compra é pra montar parque de energia eólica, inclusivi ela vei aqui noistein um terreno ali queria comprar ai noisfalô que num vendia naum, “então se você naum vendi nois pode arrendar, fazer um contrato de arrendamento”, também noisnaum aceitou também foi embora, agora perto de nois aqui eles andou comprando umas área , agora aqui dentro da comunidade a área que comprou é piquinininha ele tá preso aí em volta do lado nosso aqui, eles chega com acordo com a gente, agora a gente vende se quiser, inclusive tem a área que pertence aqui a nossa comunidade que é o (...) que não é muito grande mais também não é muito pequena , a gente já tento reuni com as novas associações do município de Caetité , já tein quatro vezes que nois tenta reuni todos os coordenador mais naum conseguiu, depois a gente tenta encaminhá um documento pra um órgão competente como CBA ou INCRA pra fazer a , midir e fazer a regulamentação da área que precisa do documento da comunidade e se a gente fazê isso aí sozinho e

incaminháisso pra lá é difícil, documento aí, e se fô as comunidade tudo junto aí facilita .(Antônio Roberto/Vereda dos Cais)

Alguns relatos de venda e arrendamento de terra podem tornar frágil a estrutura da comunidade, já que nem terão lugar pra praticarem agricultura de subsistência, sendo que alguns desses moradores vendem suas terras e vão morar nas cidades sem muitas perspectivas de vida, além da má fé dos compradores dos terrenos, já que, não pagam o total combinado, alegando que é necessário a análise da área após a instalação das torres.

Se ele paga 400,00 reais por hectare, pra gente assiná, pra comprá a terra ele dá 20% do dinheiro pra gente assiná o documento aí noisnaum quis porque noisrecuso porque ele pagava 20% do dinheiro aí ia e assinava o documento e o restante ele ia fazê o teste se gerasse o quantidade de energia o suficiente que ele ia pagá o resto.

Alguns moradores por falta de informação e por necessidade financeira assinaram alguns documentos de venda e arrendamento de suas terras, alguns se arrependeram, mas não puderam voltar atrás, os mais conscientes não vendem nem arrendam, tem até mesmo preocupação com o meio ambiente e a preservação da área que eles moram há muitos anos de acordo com o relato a seguir:

(...) um deles me convido, um dia falei naum, o dia que nois foi encontro com eles um dia tinha 10 pessoa outro dia tinha 26 quando ele chegou no ponto que era o limite nosso com Lagoa do Mato tinha mais ou meno umas 30 pessoa já aí ele fico com medo, mais um dia ele ficou no meiincheu de gente todo mundo foi pra cima dele
 – naum, noisnaumvêi aqui pra violência. Ai eu falei
 -“naumnoistambein num quer violência naum, o nosso aqui que pertence noisnaum quer intregá a empresa nenhuma de qualquer forma ,a maioria do povo “ e o terreno nosso num é pra vender naum a ninguém”, aí ele foi embora, tambein num vêi mais naum - ai depois ele comigo”
 -como é que faisrapaiz pra, nois precisa dessa área de vocês lá a gente compra arrenda é lucro pra vocês, arrendada é melhor, arrendada fica melhor porque aí fica a herança pros outros, quem for morrendo aí fica pros outros “.
 -Mais ta muito difícil por isso porque inclusive eles vai desmatar muito pra fazer isso, segundo informação que eu vejo na televisão , eu vejo passá algum filme na escola. Eu acho que devasta muicthui, não é porque a gente corta madeirana verdade pra gente fazer um pedacinho de roça , mais a gente só vê os buraquin aí dentro do mato, e uma empresa qualquer coisa eu sei que pode acabar com tudo, a comunidade pelo menos quem pertence a nossa comunidade aqui ninguém quer. Aqui emmalhada inclusive eles compraram um terreno aí de um proprietário aí e entro numa parte que era de Malhada , Malhada deu a testa , aí já deixo o que é de Malhada pra lá . E o nosso já vei mais ainda naum entro em negócio com ninguém, nu quis, inclusive nois tá tentando regularizá e fazer os documento

pra pra própria comunidade , um documento coletivo, aí tein as pessoas que tein suas áreas de terra aqui dentro , cinco hectares , dez hectares, outros teinoitchiu, uns que tein vinte e poucos hectares, mais circulá por fora onde pertence a nossa comunidade e fazê um documento coletivo e cada um fica com o seu aí, cada um já tein lá beneficiado. (Antônio Roberto/Vereda dos Cais)

Notamos a luta pela resistência para manterem seu habitat livre dos invasores que tentam por as hélices a qualquer custo.

No relato a seguir, observamos que Joaquim, morador da comunidade de Vereda dos Cais, se orgulha em pertencer à comunidade.

A gente senti assim que por exemplo ser negro era sei lá isso que a pessoa ia ficando baixa diferente do zôto , mais inferior ao zôto, por causo da gente ser iscravo agente via falar que no inicio o negro era vendido, essas coisa como se fosse objeto e que era inferior ao demais inclusive os branco, ai a gente foi reconhecendo que os direito era iguais e que todo mundo era gente a diferença era só a cor da pele e isso não queria dizer nada , daí pra frente a gente sintiu orgulho de ser e agente é dizer a gente é negro agente não vai dizer que tá rebaixando agente é o que a gente é e todos são iguais.

Apesar de Joaquim reconhecer a existência do racismo, ele não concorda que as pessoas possam ser consideradas de forma diferenciada dentro da sociedade.

A aceitação da comunidade como sendo de negros ajuda na identificação do grupo perante a sociedade, mas não é uma realidade geral entre eles, pois alguns membros não se aceitam como quilombola, enquanto outros, como é o caso do relato acima, aceitam esse título de quilombo e tem orgulho de ser negro, pertencer à comunidade e que isso não o diminui em nada.

6 A PRESENÇA DO RACISMO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: SAPÉ E VEREDA DOS CAIS

As manifestações do preconceito e racismo linguísticos, não são realidades alheias aos povoados remanescentes de quilombos, pois são percebidas dentro das próprias comunidades de maneira evidente, implícita ou ingênua, uma vez que em diversas situações houve a confirmação pelos moradores da *inexistência* desses elementos, o que se configura em algo previsível perante a não oficialização ou o cunho de injustiça social que as práticas discriminatórias carregam.

Uma das situações que mais chama a atenção é o fato da maioria das pessoas de ambas as comunidades dizerem nunca sentirem-se discriminadas, ou desrespeitadas ou nunca sofreram racismo. Aqui a gente reflete a presença do racismo cordial e invisível existente no Brasil, racismo tão marcante e internalizado nos dias atuais, que o ser humano quase não manifesta. Fazendo com que as pessoas acreditem na sua inexistência.

No Brasil convivem duas realidades absolutamente diversas: de um lado, a descoberta um país profundamente mestiço em suas crenças e costumes: de outro, o local de um racismo invisível e de uma hierarquia arraigada na intimidade. O fato é que, no Brasil, “raça” é conjuntamente um problema e uma projeção. (SCHWARCZ, 2001, p.87).

Uma questão muito notável na fala dos moradores de Sapé é a frustração por serem ofendidos pelos moradores do distrito de Caldeiras que até mesmo nas missas e encontros cerimoniais riem e ridicularizam suas falas, e, além disso, os chamam, ou, ao menos chamavam de “neguinhos do sapé”, por conta da não aceitação, alguns deixaram de frequentar a escola e os locais públicos, já outros consentiam. Vejamos os relatos a seguir de Antônia, Emílio e Judite respectivamente.

como um povo de Caldeira aí que tratava nois que aqui era: ‘é neguin de Sapé, era os neguin’ né. Eles lá tinha um preconceito com agente aqui, agora acho que miorouqueu não vi falar mais, agora aqui graças a Deus não. Aqui graças a Deus todo mundo respeita.

Eu já porque aqui antigamente, antigamente aqui na região de Caldeiras só conhecia o povo de Sapé como nego. Os nego de Sapé, qualquer coisinha os nego de Sapé, então, nego do Sapé é nego na verdade que aqui não tem ninguém branco. É uns nego de caráter de responsabilidade, né não? É um povo que não faz mal a ninguém.[...].

Quando agente ia pra escola mermo, tinha uns povo de Caldeiras ali que chamava nois de negui de Sapé, era assim, botava apelido ninoinneguin do Sapé, era joganopedaninois assim, aí, aí... sei lá. E hoje?(a pesquisadora pergunta) mas hoje não chama gente de nego não, já considerou que não pode chamar mais né, se chamar rs. [Você se sentia mal por isso? A pesquisadora pergunta] Não, não sentia mal não, sei lá, agente trocava umas ideias lá com eles e eles ia imbora, deixava eles lá, até chamar... até depois eles lá mermo com ele lá, queles não podia chamar mais, perdia a graça.

Constatamos casos racistas de famílias que não aceitavam ter os filhos casados com outras pessoas de pela negra. Este fato é revelado no relato de Eliza.

(...) existe pessoas aqui que fala que casáquesse nego daqui de Sapé não casa, entendeu?. E as vezes fala “ah neguim só neguim”, as veze que tem a cor mais clara e acha que o outo é negro e quele não é, mesmo registrado em quilombo mas, fala e chama de neguim, eu vi já, presenciei pessoa clara que já chamou de neguim assim, aqui na comunidade, (...) E já falou que se tirar neto de negro daqui que não tira.(Sapé)

Percebe-se que o preconceito existia dentro da própria comunidade. Buscavam uma forma de clarear, ou seja, era uma maneira de branquear a família. Sobre isso,(SILVA, 2010, p.22) diz que:

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que o negro internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do branco, tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do individuo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos.

Também na comunidade de Vereda dos Cais, há uma opressão e exclusão do negro dentro da própria comunidade, mas tudo isso é fruto de uma política racial disseminada na sociedade e que faz o negro mudar suas ações numa tentativa de querer embranquecer-se, muitas vezes acham que casar-se com branco é o melhor caminho para uma vida social, como afirma Dona Maria:

isclusão assim é com o neia [negro] é assim, quero vê quando é casamento ou coisa assim, ‘num quero naum que o homi é nei [negro] , é acontece é isso na comunidá muitas das famía num que isso naum, intão isso é a isclusão [exclusão] do neio”.(Vereda dos Cais).

Dessa forma o racismo esconde seu rosto. Isso faz com que o negro deseje e projete um futuro contrário de sua realidade, de seu corpo e de sua historia. Sendo

assim, o ideal identificatório do negro se retorna ao passado, onde ele poderia ser branco ou que futuramente seu fenótipo e sua identidade deverão ser destruídos. (SOUZA 1983).

Diante dos relatos dos sujeitos de sapé podemos notar a existência do racismo principalmente quando os habitantes praticamente não tinham opção de escolha de cor da pele, é notado que diante de outras perguntas havia umas respostas fáceis e voluntárias, já quando se perguntava sobre a cor da pele, se olhavam e demoravam de definir sua cor, alguns falavam “moreno”, outros diziam “preto né, é preto”?, sendo que a cor da pele deles era inegável e inconfundível. Segundo a pesquisa feita por Lilia Schwarcz (2001), a população brasileira negra, mesmo de pele clara, se auto discrimina ao se definirem pardos e morenos. É como se o fato de ser negro, seria um fardo em suas vidas.

(...) e mesmo reconhecendo-se a dificuldade de usar os termos definidores da cor, que são escorregadios em sua definição e auto definição, o que se percebe é o caráter dissimulado da discriminação brasileira. (SCHWARCZ, 2001, p. 63).

Mas por outro lado acreditamos que esses sujeitos negros, especialmente das comunidades analisadas são verdadeiramente vítimas de uma história marcada pela escravidão, preconceito e racismo. Vítimas de uma ideologia que dividia o negro do branco e que eles cresceram com essa mentalidade: um preconceito ou talvez uma negação de si e do outro, inconscientemente.

O senhor João com seus 70 anos de idade, demonstra em sua inocência, que não há a possibilidade da existência do racismo, Quando perguntou se ele acha que as pessoas da cidade tem preconceito com eles por serem quilombolas:

eu acho que não, que todo canto, queu, queu, eu nunca senti queles tem não. Mas acho que não tem isso não. Tem gente de toda cor né? A pessoa não importa com a cor do outro. Se eu tiver vendo uma pessoa branca, eu não vou falar, branco vremei[vermelho] ou qualquer coisa eu não falo, que cada qual cor é ter sua cor né. (Sapé).

Diante desses relatos é perceptível a comprovação do racismo cordial existente no Brasil trazido por (TURRA; VENTURI, 1995) onde eles afirmam que o respeito ao negro não significa a ausência do preconceito. Talvez, o Senhor João não percebe a existência do racismo, por conta do racismo dissimulado das pessoas,

existente hoje no país, um racismo silencioso e invisível, que ninguém sabe a verdadeira personalidade das pessoas.

Em ambas as comunidades os autores sociais em algumas situações não são ingênuos, são críticos, essa última característica é bem mais marcante em Sapé. Eles sabem colocar seus pontos de vista principalmente no que diz respeito aos benefícios sociais que lhes é direito: saúde, educação, moradia, dentre outros. Sobre as questões relacionadas a formação da própria comunidade, a sua identidade, o que é ser negro, o que é ser quilombola, eles se confundem um pouco.

Essa confusão de opiniões pode ser em função da falta de um maior contato com a escola, lugar onde talvez eles pudessem obter um senso crítico mais aguçado. Pois as questões relacionadas ao negro e o quilombola são discutidas no ambiente acadêmico ou movimentos urbanos, e ao receberem os benefícios materiais (projetos beneficiários) do governo, não há uma formação conjunta que os conscientize, sobre sua identidade. Essa consciência não é levada para a comunidade, o ser quilombola, para eles é sinônimo de benefícios (devido aos benefícios concedidos pelo governo para os quilombolas) delimitando assim entre o bom e o ruim de ser negro.

O senso crítico é percebível apenas pela minoria, entre elas: agentes comunitárias de saúde, os ex-presidentes e os atuais presidentes das associações locais. Essas pessoas não vivem em seu mundo fechado e sim participam de eventos e reuniões sociais como: sessões da câmara de vereadores municipal, movimentos de mulheres e a CPT (comissão pastoral da terra). É nesses ambientes que eles adquirem uma consciência sobre seu mundo, sua realidade, identidade, e que os fizeram pessoas reflexivas.

De acordo com Sr Francisco,

(..), graça aquela época um curso que Dom Alberto encaminhou, noisni Salvador, eu fui a pessoa escolhida naquela época e que a CPT passou esse curso, parece que foi uma semana de curso, eu vim de lá com novas experiência e juntos nos organizamos e defendemos nossas terras se não, não tinha mais Sapé (...). (Sapé).

Tudo leva a crer que a maioria das pessoas da comunidade Sapé, que não manifestaram uma postura crítica, embora tenham uma sabedoria de vida incomparável, é porque vivem no seu mundo fechado, não participam ativamente

das reuniões que existe dentro e forada comunidade, que tem um cunho educativo. Os moradores de ambas as comunidades, não atuavam e não participavam dos encontros na comunidade, por que não se importavam de ir, por motivo de locomoção e doenças, e quando iam, é para interesse próprio (questões materiais que beneficiavam a comunidade)

Francisco, ex-presidente da associação local, percebia o desinteresse dos moradores em não participarem das reuniões,

(...) então eu acho o seguinte que a comunidade tem também... ela precisa gritar mais, ela precisa reivindicar mais, ela precisa falar mais, então tem uma coisa aqui Benedito, que me assusta, vamo num forró ?, meu Deus do céu, a comunidade gosta de forró, vamos no casamento ? etc, vamos no futebol ?...meu deus do céu a comunidade gosta. Vamo na seção da câmara de vereador? O máximo que tem uma certa visão política, mas quase ninguém prontifica pra i na câmara de vereador, isso é problema, isso ai mostra que a gente vai continuar nessa vida pendenga, sem saber gritar, sem gritar nunca.(Sapé).

Quanto ao racismo linguístico, com as observações feitas no ambiente rurais das comunidades de remanescentes quilombolas, foi possível perceber a sua existência no relato da entrevistada Joana Maria quando ela diz:

Eu acho que tá mudano sabe porque, que de premeiro quem falava na frente era professor, era gente estudano né, hoje não, hoje na religião tem os negros, as pessoa da própria comunidade que tem que tem que tá frente representano, né todo dia que o padre vem celebrar a missa, tem que ter as pessoas que faz o culto, tem a pessoa que canta, eu acho que pela comunidade não tem muito não. Por acaso um dá valor no trabai do outro. (...) Antigamente o povo reprimia o modo de falar de Sapé. Antes mais atrás quem só falava era os mais da frente, os fraquinera de escanteio, então hoje a sociedade mudou por isso... voiz corre por tudo quanter lugar, até criança que quiser falar pode falar, antes tinha um lugar né deprimido pras pessoa; ali quem vai falar é um branco, [...]tudo tinha né, um preconceito, então quando tinha uma pessoa mais moreno que ia na frente falar, agente via que gente era vaihado (...) é eu senti, no estudo quando eu era criança, eu já sentia muito, agora em diante eu tófazeno a avaliação táaaa... miorano. (Sapé).

No relato da entrevistada Joana, percebemos que ela sentiu o racismo linguístico e que hoje não se senti mais, ou que esse preconceito está diminuindo. Isso por que atualmente esse racismo linguístico e discriminação são manifestados pela sociedade de maneira invisível e dissimulados, ou seja, socialmente as pessoas fingem não ter preconceito, por esse motivo, os sujeitos que não tem o senso crítico

aguçado, não percebem. Assim também como Joana, a maioria da sociedade, “Impregnado nas mais diversas esferas sociais, poucas pessoas, no entanto, se dão conta de que também existe um racismo profundo na história lingüística do Brasil” (BAGNO, 2008, p.1).

LUCCHESI (2009) afirma que o preconceito lingüístico além de ser um elemento que favorece os grupos sociais, econômicos e culturalmente privilegiados, apresenta também atitudes racistas ao desconsiderar ou menosprezar as variante lingüísticas de alguns setores da sociedade pluriétnica brasileira. Diante disso tal preconceito pode ser entendido como racismo lingüístico.

Alguns moradores confirmaram a presença do racismo lingüístico e ao perceberem não apresentaram nenhuma atitude diante do fato como aconteceu com Ricardo, quando diz que: “a gente já viu assim mais gente deixa passá pra lá”, (Vereda dos Cais). Muitos aceitam essa condição, fato ocorrido com a Marlene, “Tem muita hora que as veze acontece. Mas a gente na... não importa não (risos).” (Sapé).

LUCCHESI 2009 ainda confirma que, além do preconceito sócio-cultural que os afrodescendentes e/ou indígenas sofrem, sendo eles a maioria da população de baixa renda, há ainda o preconceito lingüístico que se abate nas suas marcas lingüísticas.

Os moradores da comunidade de Sapé e Vereda estão dentro dessa maioria de baixa renda evidenciado por LUCCHESI (sd), que são discriminadas socialmente. Além dessa discriminação sofrida, a comunidade de Vereda dos Cais são alvos de preconceitos e racismo, pois, na visão de outra comunidade próxima (não quilombola), alegam que os “pretos” estão recebendo mais benefícios em relação aos brancos. Vejamos o relato da entrevistada Doralice:

Ni tudo, na cor, no trabalho, se a pessoa tem umas coisas aí já fala: “é porque é negro, quem devia ter é nois que é branco”, porque eu sô uma pessoa que eu converso com todo mundo, eu vô, estudo , eu trabalho , saio pra vendêbijotéria, eu saio pra vender produto eu converso com todo mundo, eu é. Tem preconceito nisso tudo , os negro coitadinho, nós tem esse negócio de dizer que é quilombola, de dizer que nós temos nosso direito, só que num tem jeito pra nois (...). já, já, aqueles que era branco e a gente aqui era moreno fazia pôco daqui.

- do buracão [Buraco dos Magalhães- comunidade não quilombola próxima] mesmo tem raiva.

- que era negro, que era fraco, que naum tinha nada, é que papai tinha uma roça aqui oi, e esse povo do buracão falava de gente preto.

- até hoje eles fala de gente preto, de gente negro, porque isso porque disso, tein, tein machucado. (Vereda dos Cais).

Neste caso estes moradores dizem serem excluídos e menosprezados por parte de pessoas de pele clara, principalmente da comunidade do Buracão dos Magalhães, provocando a baixa estima dos moradores.

Dona Lurdes reconhece que eles possuem outra variante e que sofria com os filhos, pois os mesmos tiveram contato com a escola e desenvolveram variante diferenciada da sua mãe.

É nois fala deferente. É teim hora que eles ficava até me procurano pra mode vê, eu falava assim as coisa que eu falava errado que é pra mode eles pudé ri de eu, tanto o marido dessa Isabel aí como o outro que morreu ele é até fiado (afilhado) de cumpade José. (Vereda dos Cais).

Também ciente do preconceito, Margarida afirma que

(...) as pessoa que tem pouco estudo igual anois né (...) falá alguma coisa eles percebi logo né , sabe 'esse aí é da roça , ói como ele tá falano', isso é de certeza absoluta , talvez num fala pra gente né , mais... (Vereda dos Cais).

Marcos Bagno (1999, 2001), SylvainAuroux (1998), Maria Neves (2003), Dante Lucchesi (2009), trabalhando em suas obras a respeito do preconceito linguístico, afirmam que sejam respeitadas todas as maneiras de expressão do indivíduo, pois a língua é plural, e não existe variante inferior e superior e sim diferente. Nesse sentido o entrevistado José demonstra sabedoria ao abordar essa linha de pensamento mencionada pelos autores acima.

(...) os índios, quando Pedro Alves Cabral aqui chegou, eles era perfeito o ser humano, a língua era aquela é uma falta de respeito mas não respeitava, a mesma coisa as comunidade quilombo tem seu jeito de falar, acho que nos precisamos compreender a forma que as pessoas fala, agora tecnicamente se queremos que a pessoa acompanhe os níveis de desenvolvimento do país, tem que levar ele pra escola pra ouvir essa regras do português, mas nois somos naturais do jeito que a gente sabe falar, eu acho que precisamos no máximo respeitar isso, quer dizê, meu filho estudou, intão jamais eu tenho conhecimento das palavras do português que meu filho teve e fez facudade mas se eu falar por exemplo, é... dar-li, por que tem uma palavra que cê completa com um traço dar-lhe, por exemplo, vou dar-lhe um adeus, é assim que se fala ? por exemplo, seu falar vou dar um adeus deixa uma coisa alguma coisa pá traz, mas bom, o meu filho teve um controle do português, eu não tilve, então ele teve que me entender da forma que eu coloco, acho que temos que respeitar isso, sem crise, sem nada honestamente, por que o homem e a mulher é a dignidade é a responsabilidade o ser humano que é, a formação que você é então não vejo nada nisso, pra mim nos somos pessoas iguais.

Houve também o relato de José Samuel que presenciou a intolerância linguística, onde as pessoas eram ridicularizadas por pronunciarem palavras ou frases que antes eram utilizadas de maneira comum. Que por sinal eram palavras que os seus ancestrais usavam.

(...) ali na fazenda que é do tio meu, que é de outro grupo de descendente de negro, lá eu era acostumado ver ni Tanque Novo, ni Jacaré, nos dias da festa, nesse negocio de falar o discaso de que fazia deles na questão linguística. [...], por exemplo, eu tavalebrano pra moça aqui, oh, cê tá igual o velho Joaquim, minha libã, minha libã é minha irmã, ele não falava minha irmã, falava minha libã, [...]aí tinha um vei não sei como é que era o nome do outro vei lá, marra o cavalo no cruzeiro, aí eles fazia as algazarra. Ovêi diz que língua é complicada, era complicada é questão de ensinação né, questão de princípios, aí falava, marra o cavalo no cú dele, era o cruzeiro, e diante de... por exemplo[...]a cascavéu chamava de casaco velho, ceis lembra né, por exemplo e... tem tantas coisas...as aves, os pau tinha nomes diferentes[...]Tem aquele paucumadecomé da foinha dura, cabelo de negro por exemplo: tem outros matos ai é...joaquina, eles fala joanaquina que tem um pau que chama jua e outo que chama quina. (Sapé).

O preconceito linguístico presente na comunidade de Vereda dos Cais, acontece principalmente dos mais jovens para com os idosos, principalmente aqueles que frequentam a escola. Como no caso a seguir:

Até que com as pessoa mais veia assim até que eles naum fala, mais com os mais novo eles fala, ai eles fala errado ai diz até parece que você é do Junco, “ ah fulano parece que é do Junco”, agora as pessoa mais veia eles naum fala, mesmo que errou eles naum fala.

Agora é sempre é assim esses menino assim adolescente quando tá lá pra escola, ‘ah você é de num sei da onde, outro, ah você é de num sei da onde’ mais num tein num cria caso por isso não, os colega é a mesma coisa, virou brincadeira.(Vereda dos Cais).

Junco é o nome antigo do atual distrito de Maniaçu que fica aproximadamente 30 km de Vereda dos Cais. Segundo um morador do distrito, “junco” é um tipo de gramínea muito comum em terrenos alagadiços, sendo um tipo de planta muito encontrada na região. As pessoas passaram a se referir à região pelo nome “junco” fazendo uma alusão a essa planta. A mudança de Junco para Maniaçu está relacionada à divisão geopolítica de Caetité em distritos. Muitas pessoas já acostumadas com o antigo nome continuaram a chamar a sede do distrito de “junco”, sendo repassado para as novas gerações. Porém esse termo junco recebeu uma carga negativa e preconceituosa, como afirma Roberto

Com o passar do tempo o termo foi ganhando um aspecto pejorativo. Isso provavelmente pelo fato de que cada vez mais os moradores de Maniaçu e da sua zona rural começaram a frequentar Caetité e quando algum desses moradores cometia alguma gafe ou fazia alguma “besteira” por causa do seu pouco conhecimento com “as coisas da cidade”, então logo diziam que ele era do Junco. Aos poucos essa expressão foi ‘pegando’ e passou a ser utilizada de forma genérica para tirar um sarro de quem comete alguma ‘gafe’ ou coisa parecida. (Maniaçú)

No relato da senhora Angelina, logo abaixo, percebemos o receio em se comunicar, até mesmo dentro da sua própria casa, pois seus filhos a reprimem no seu modo de falar.

Se falá errado eu nem conto, praque até mesmo meus fio aqui, tem hora que eu falo uma coisa e eles fala que eu falo errado, nem precisa i na cidade naum, os minino aqui mesmo, apastamento [principalmente] o que morreu, tudo que eu falava pra ele tava errado. (Vereda dos Cais)

Lucchesi (2009, p. 19) ainda sinaliza que a falta de concordância nominal e verbal na fala das pessoas é também “alvo de preconceito (...) e tem historicamente motivação racista”. Esse racismo linguístico e características trazidas pelo autor são percebidos na fala de Lurdes, moradora da comunidade Sapé.

[...] ficou 50 anos lá e ele falava bem assim, joga outro pre'la, pre'la, é... que a cultura daquin era pre'la também, quando ia jogar baralho ele dizia, joga outro pre'la, pre'la [...] cinquenta anos que ficou fora e não aprendeu falar, falava pre'la.

A falta de concordância verbal e nominal é encontrada em todas as falas dos moradores da comunidade de Sapé. Lurdes afirma que o senhor de idade fala errado ao dizer ‘Pre'la’. De acordo os gramáticos essa sentença deveria acontecer ‘Para ela’. Embora Lurdes seja uma pessoa bastante crítica, atuante na comunidade, sendo presidente da associação, há em seu relato um preconceito ingênuo, rotulado ideologicamente pela sociedade, onde as pessoas entendem que, quem fala nos moldes padronizados pela norma padrão é mais aceito e considerado correto.

Na fala a seguir de Manoel, nota-se a falta de concordância verbal e nominal que a sociedade tanto crítica e discrimina. Agora queles parou, quelescumeçou entender comé que é a coisas, (...) e aí agora pá cê acertar tadifícil(...). (Sapé).

Conforme a norma padrão a fala de Manoel deveria acontecer da seguinte maneira ‘Agora que eles pararam. Que eles **começaram** a entender como é que **são** as coisas (...) e agora para **você** acertar, está difícil.’ Sobre isso BAGNO

(2008,p.59) alerta que “Pela ótica cientista [sic] da linguagem (...) não existe construção linguística mais ‘certa’ nem mais ‘bonita’ do que a outra.” É perceptível que Manoel simplesmente estava expressando aquilo que tinha necessidade, visto que a pessoa entendeu a sua mensagem.

As pessoas não falam o que pensam e o que querem, mas o que a sua realidade lhe propõe a falar e pensar, pois o ser humano é um produto cultural do meio em que vive (FIORIN 2000). E é importante lembrar que a língua está em constante mudança e por isso não pode ser entendida como inferior ou superior.

Nota-se que na sociedade as pessoas ainda não perderam a ideologia do certo e errado e entende que a escola é o ambiente para falar certo, como pode ser percebido na fala de Eduarda:

Eu acho assim que é uma discriminação né. É o seguinte se a pessoa fala daquele jeito é por que não teve a oportunidade de estudar né, ele não entrou na escola né, pra ele poder falar certo, então acho que a pessoa falou daquele jeito por que não teve estudo [...]. (Sapé).

Certamente o indivíduo que frequenta o ambiente escolar, aperfeiçoa sua competência linguística e sua criticidade. Porém a escola muitas vezes estimula ainda mais a variante considerada superior pela sociedade, em que há uma copia da ideologia social, repassando para os alunos em sala de aula somente a norma padrão, NEVES (2003). No entanto essa pessoa que frequenta a instituição escolar jamais deve ser interpretada como um falante correto, a escola deve assimtrabalhar o uso da língua padrão, contemplando a naturalidade dos usos correntes da variedade linguística.

No relato do entrevistado João Rodrigo, percebe-se que ele já internalizou essa questão do falar certo e errado. Vejamos:

Tem hora que gente fala errado que agente não é santo, mas agente fala errado, mas a gente mesmo corrige, mas a gente mesmo pede desculpa, por que agente erra, até os padre disse que erra, agora no errá (...?) pra mim errou não pode persistir (persistir) agente tem que recordar que tá errado, e pedir perdão, eu não errei... eusismeí com cê que não era pra falar errado, aí o cara perdoa. O que eu acho é assim. (Sapé)

Na fala de João percebe-se que ele se auto inferioriza ao comparar a sua maneira de falar com a do Padre. Isso se explica por que no mundo atual, muitas pessoas entendem que, Juiz, Padre, professores, dentre outras profissões, são

ideologicamente ponderadas pela sociedade como pessoas mais importantes e que geralmente utilizam o português padrão para se expressarem. Por outro lado é notório que grande parte da população menos privilegiada; pobre e analfabeta que utilizam o português popular, geralmente são tachados de inferiores e sem cultura. Sobre isso, Bagno (2008) afirma que para os linguistas, a variação linguística é entendida como diferenças, do ponto de vista sociocultural ela é considerada deficiente.

Percebemos também a inibição e a auto inferiorização da senhora Angelina quando inicia uma fala e a mesma pensa ter dito algo errado e logo se cala:

Porque Carambola(quilimbola) é gente mais fraco né.
 -[Mais fraco? a pesquisadora pergunta]
 -Ah, já tofalano errado né, porque é os mais pobe. É mais fraca de dinheiro, de só num é mais pobe de espírito, eu num sei com é naum, eu naum sei falá mais naum, chegô.

Há claramente uma intimidação por parte dessa senhora quando está diante de pessoas da zona urbana, pois se sente envergonhada em achar que está falando errado.

Muitas dessas pessoas pobres, analfabetas e que não utilizam a norma padrão, geralmente não tiveram ou não tem a oportunidade de irem à escola, por vários motivos, dentre eles: trabalho, idade avançada, mora num lugar distante; meio rural; tendo dificuldades de se locomover, sendo a escola de difícil acesso e até mesmo muitos não concluíram a sua formação escolar, como é o caso da comunidade de Sapé. Por esses motivos esse sujeitos são alvos de preconceitos; linguístico e social.

No entanto, segundo Bagno (1999) não se deve enraizar tal preconceito, já que toda pessoa possui a competência linguística de falar, embora esta seja manifestada de maneiras diferentes, atende as necessidades linguísticas das comunidades que as usam.

É importante conhecer os vários atos linguísticos: norma padrão, não padrão, norma culta, formal e informal, mas, o mais importante é entender que todos falam a mesma língua, que é variável. E ignorando a variante do outro é mesmo que desrespeita-lo. Mas independente da origem ou meio social que essa linguagem foi

adquirida, todas as modalidades linguísticas devem ser valorizadas, levando em conta as diversidades culturais e linguísticas de cada indivíduo NEVES (2003).

O que nos deixa intrigados é que poucas pessoas percebem e sentem o racismo linguístico. Vejamos os relatos a seguir dos moradores de Sapé

Não eu acho que não. Eu acho que a pessoa fala assim do modo que sabe falar, umas coisa, agora as zota acho que... sei não rs rs. (...) no ato de falar mesmo, não comigo não. (Paloma).

não aqui, não vi ainda não. (Josefa).

Aí é a ignorância que tem. Não... [...] eu nasci no dia das mitiras, mas não gosto de mentira. Eu gosto de falar quando eu vejo[...] quando não vê não pode falar. (Fernado)

não aqui, não vi ainda não. (Glória).

não. (Amadeu).

Em ambas as comunidades perceberam-se características específicas do racismo linguístico, sendo que, em poucos relatos, esse racismo linguístico apareceu de maneira implícita, porém a maioria dos entrevistados afirmou não sentir, não existir, nunca ouviu falar ou nunca presenciou. Isso mostra que as pessoas que lá moram não apresentam uma noção mais ampla, sobre o preconceito e a discriminação que se faz tão presente na nossa sociedade.

7 CONCLUSÃO

Há uma grande diversidade linguística presente em nosso idioma, mas alguns indivíduos não aceitam algumas diferenças existentes dentro dele. As variações linguísticas que foram apresentadas aqui são encontradas em comunidades remanescentes de quilombo, e não podem ser desprezadas, pois, a língua de um povo é uma herança cultural que vem com eles durante gerações e por isso não pode ser desvinculada dos mesmos. As variações linguísticas existentes estão estreitamente relacionadas à classe social, cultura e etnia a que pertence o grupo falante. Quando indivíduos que falam uma língua não se enquadram aos moldes exigidos pela sociedade correm risco de serem excluídos linguisticamente.

É incontestável a existência das diferenças linguísticas em nosso idioma. Por este motivo evidenciamos que alguns preconceitos se dão por conta de condição social e/ou etnia diferenciada de alguns falantes, ou seja, falantes que possuem condições sociais “inferiores”, e com uma pigmentação cutânea não valorizada na sociedade, aliada a uma variante própria a sua etnia, sofrem preconceitos e racismo linguístico.

No entanto independentemente da etnia, condição social, cultural, ou variação linguística, um povo deve ser respeitado e valorizado, fazendo assim que sua língua seja valorizada com todos os fatores que estão atrelados a ela, ou seja, a história vivida e construída por um povo e toda cultura que esta por trás disso.

Ao concluir esta pesquisa pode-se confirmar a existência do racismo linguístico trazido por Luchessi, em ambas as comunidades. Ele acontece de forma explícita, implícita e ingênua. Diante desses fatos, acredita-se que são resultados de uma história marcada pelo preconceito linguístico e discriminação e racismo ao negro, que se encontra enraizado nas pessoas, muitas vezes de forma, inconsciente. Pois o negro sempre foi visto como negativo, sujo, sem cultura, sem perspectiva de vida e como Souza (1983) afirma que: diante da negatividade atribuída ao negro, este está condenado a negar a sua identidade.

É perceptível também a falta de informação, oportunidade e disponibilidade das pessoas em estarem inseridos numa maior situação de convivência e reuniões para as reflexões, faz com que as pessoas se tornem cegas e fechadas em seu

mundo diante dos acontecimentos sociais e até mesmo permitir a existência do racismo linguístico.

O que não os tornam tão isolados são os contatos que os líderes de ambas as comunidades tem com grupos sociais urbanos como a CPT, CARITAS, Movimento de mulheres, dentre outros e levam para os demais moradores as ideias e elucidações, às vezes sem êxito. Pois estes, porém não participam por falta de vontade, falta de interesse, doenças e falta de perspectiva de vida. Há também reuniões da associação local que acontece mensalmente, para assuntos de interesse da comunidade, mesmo assim, só participam a minoria das pessoas.

É importante lembrar que, embora as comunidades aqui estudadas encontrem-se isoladas em seu território, por outro lado é um ambiente em que a maioria das casas visitadas, havia televisão com antena parabólica, aparelho de som, celular e os jovens frequentavam a escola, tornando-os contato com os acontecimentos sociais.

Será importante e inadiável uma “maior” mobilização, por parte até mesmo de acadêmicos, grupos sociais e governamentais para que as comunidades como um todo sintam-se mais atingidos e motivados, no sentido de valorizar e entender mais a sua identidade, conscientizando-os sobre o racismo linguístico, para que eles saibam usufruir mais os seus direitos e deveres de cidadãos, uma vez que fazem parte de uma nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Tradução: José Horta Nunes. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

AZEVEDO, Eliane S. Raça: **conceito e preconceito**. São Paulo: Ática, 1987.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: Novela Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2008.

BAGNO, Marcos, 1961- **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. - São Paulo 2007, 2ªed.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**: tradição gramatical, mídia & exclusão social. 2 ed. São Paulo: Edição Loyola, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 24. Ed. São Paulo, Brasil. Edição Loyola, 1999.

CABRAL, Leonor Scliar, 1929- **Introdução à linguística**. Porto Alegre, Globo, 1982. 5ªed.

CAGLIARI, L.C. (1991). **Alfabetização e Linguística**, São Paulo: Editora Scipione.

CALVET, Louis-Jean **Sociolinguística**: uma introdução crítica/tradução Marcos Marcionilo.- São Paulo: Parábola Editorial, 2002, 160p., 18cm.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Preconceito Racial**: Portugal e Brasil -Colônia. São Paulo: editora brasiliense. 1983, p.18.

CLEMENTE, Elvo. Integração: **Língua, Cultura e Literatura**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1994.

EAGLETON, Terry. **Ideologia – Uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma padrão brasileira**: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.p.37-63.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística I**: Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 10. Ed. São Paulo; 2001. (Repensando a Língua Portuguesa).

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2000.

FREIXEIRO MATO, Xosé Ramon “A historia e a dignidade do galego. De língua enxalzada a língua mortificada”, en M.P. Garcia Negro: **Sobre o racismo linguístico**, Laiovento, col. “Ensaio”, 2009, pp.31-66.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 1991 KAPLAN, R. S.; NORTON, D. P. **A estratégia em ação**: balanced scorecard. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GNERRE, Mauricio. **Linguagem, escrita e poder**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAZZARINI, Sérgio Giovannetti. **Estudo de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa. Economia e empresa**. Vol.2 São Paulo, 1995.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia in**: Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

LUCCHESI, Dante; Baxter, Alan & Ribeiro, Ilza (organizadores). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. 576 p.

LUCCHESI Dante. **Racismo linguístico ou ensino pluralista e cidadão?** - UFBA/CNPq, Disponível em: www.abralin.org/noticia/Dante.pdf. Acesso em 27.11.2012.

MAIA, Newton Freire. Brasil: **laboratório racial**. Petrópolis RJ: Vozes, 1973.

MARCONI, Mariana de Andrade. **Antropologia**: uma introdução. 2º ed- São Paulo:atlas,1986.

MARCIONILO, Marcos; trad. **Filosofia da Linguagem** / SylvainAuroux. São São Paulo: Parábola, 2009.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 3ª ed, Rio de janeiro: editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MINAYO M. C. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 6ª ed. São Paulo, Rio de janeiro: Hucitec/Abrasco, 1999.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução á Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2 Ed. São Paulo:Contexto,2004.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 5. ed. v. 2. São Paulo. Cortez, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática ensinar na escola ?** São Paulo: Contexto,2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: manual prático / tradução de Pedrinho A. Guareschi. -7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RAJAGOPALAM, Kanaviliil.**Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a queatão ética.- São Paulo: Prábola editorial,2003.

SCHWARCZ, Lilia. **Racismo no Brasil**, São Paulo,PubliFolha,2001.

SILVA, Ana Celia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?.** – Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático.** -2. ed. - Salvador- Bahia EDUFBA, 2010. 102p.

SILVA, Lúcia da; MENEZES, Ester Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação/Edna.** – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138p. 1.

SOUZA, Geraldo Mattos Gomes. **Dicionário Júnior da língua portuguesa.** 2.ed. São Paulo: FTD, 2001.

SOUZA, Jessé. **Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil-Estados Unidos/(org), et alii,** 1997.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sócio-linguística.** Ática S.A 3ª edição. São Paulo, 1990.

TURRA-VENTURI. **Racismo Cordial: A mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil.** Publica - Folha de S. Paulo/Datafolha. São Paulo, 1995.

APÊNDICES

Apêndice A

Proposta de Questionário para pesquisa de campo.

Publico alvo- adulto

Data do preenchimento do questionário: ___/___/___ Horário: ___:___

Nome _____

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: _____

1. Estado civil: Solteira/o () casada/o () Companheira/o () Divorciada/o () Viúva/o () Outra situação ()

2. Você se considera: Indígena () Negro/a () Pardo () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a () (ou apenas perguntar se é negro ou Branco)

3. Tem filhas/o: Sim () Não () Quantos? A quanto tempo reside na localidade?

4. Quantos pessoas residem na casa?

5. A maioria são crianças, idosos, ou "jovens"?

6. Qual sua situação de escolaridade, e da comunidade?

7. Você frequenta/segue algum tipo de religião, qual ? _____ (se não, perguntar por quê?).

8. Gostaria que você contasse a história e origem do quilombo? (gravação)

9. Por que você se considera quilombola? Vocês se aceitam como quilombolas? (gravação)

10. Qual a tradição da comunidade? (festa, costumes, etc.) (gravação)

11. Como é celebrado os casamentos e funerais? (gravação)

12. Como ou de que forma vocês procuram resgatar a sua identidade, cultura, tradição... (saber se há algum tipo de resistência). (gravação)

13. Sabemos que até os dias de hoje o racismo e o preconceito ainda persiste. Já sentiu, viu ou presenciou algum tipo de preconceito ou racismo? (gravação)

14. Vocês acham que as pessoas da cidade tem preconceito com vocês enquanto quilombolas? Por quê? (gravação)
15. Você se sente valorizado pela sociedade?
16. E dentro da comunidade todas as pessoas são iguais? Todos são cooperativos? Ou existe preconceito entre as famílias.
17. Não existe somente o preconceito étnico e de condição social, mas também o preconceito linguístico (a forma ou maneira de falar). Qual a sua opinião sobre essa situação? (gravação) Você já passou por uma situação dessa? (gravação)
18. Muitas pessoas já evadiram daqui para morar na cidade ou houve alguma necessidade de sair? Por quê?
19. Houve alguma situação ameaçadora de algum fazendeiro ou empresa querendo expulsá-los da comunidade para desempenhar algum tipo de atividade aqui no local. (gravação)
20. O que vocês acham de pertencer a uma comunidade quilombola? (gravação)
21. Qual a principal ameaça ou dificuldade que os quilombolas enfrentam hoje? (gravação)
22. Qual é a relação dos quilombolas com os municípios? (gravação)
23. Você estaria disponível para uma entrevista, se necessário, para aprofundarmos essas questões?

Apêndice B

Proposta de Questionário para pesquisa de campo.

Publico alvo- membro de associação e agente de saúde

Data do preenchimento do questionário: ___/___/___ Horário: ___:___

Nome _____ Sexo: Masc. () Fem. () Idade: _____

1. Estado civil: Solteira/o () casada/o () Companheira/o () Divorciada/o ()
Viúva/o () Outra situação ()
2. Você se considera: Indígena () Negro/a () Pardo () Amarela/o () Mulata/o ()
Branco/a () (ou apenas perguntar se é negro ou Branco)
3. Tem filhas/o: Sim () Não () Quantos? Tem vínculo empregatício? assalariado
(a)?
4. Profissão: _____
5. A quanto tempo reside na localidade?
6. Quantos pessoas residem na casa?
7. A maioria são crianças, idosos, ou “jovens”?
8. Qual a situação de escolaridade na comunidade?
9. Você frequenta/segue algum tipo de religião, qual? _____ (se não,
perguntar por quê?).
10. Gostaria que você contasse a história e origem do quilombo? (gravação)
11. Por que você se considera quilombola? Vocês se aceitam como quilombolas?
(gravação)
12. Qual a tradição da comunidade? (festa, costumes, etc.) (gravação)
13. Como é celebrado os casamentos e funerais? (gravação)
14. Como ou de que forma vocês procuram resgatar a sua identidade, cultura ,
tradição... (saber se há algum tipo de resistência). (gravação)

15. Sabemos que até os dias de hoje o racismo e o preconceito ainda persiste. Já sentiu, viu ou presenciou algum tipo de preconceito ou racismo? (gravação)
16. Vocês acham que as pessoas da cidade tem preconceito com vocês enquanto quilombolas? Por quê? (gravação)
17. Você se sente valorizado pela sociedade? (saber como os moradores se situam, representam e explicam sua existência na comunidade e assim saber se há preconceito. Como eles veem a sociedade? Como eles organizam a sociedade?) (gravação)
18. E dentro da comunidade todas as pessoas são iguais? Todos são cooperativos? Ou existe preconceito entre as famílias. (gravação)
19. Não existe somente o preconceito étnico e de condição social, mas também o preconceito linguístico (a forma ou maneira de falar). Qual a sua opinião sobre essa situação? (gravação)
20. Você já passou por uma situação dessa? (gravação)
21. Muitas pessoas já evadiram daqui para morar na cidade ou houve alguma necessidade de sair? Por quê? (gravação)
22. Houve alguma situação ameaçadora de algum fazendeiro ou empresa querendo expulsá-los da comunidade para desempenhar algum tipo de atividade aqui no local. (gravação)
23. O que vocês acham de pertencer a uma comunidade quilombola? (gravação)
24. Qual a principal ameaça ou dificuldade que os quilombolas enfrentam hoje? (gravação)
25. Qual é a relação dos quilombolas com os municípios? (gravação)
26. Na sua opinião qual a maior carência da comunidade hoje?
27. Você estaria disponível para uma entrevista, se necessário, para aprofundarmos essas questões? _____

Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: “RACISMO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS SAPÉ E VEREDA DOS CAIS - CAETITÉ-BA”.

Pesquisadores responsáveis: Benedito Almeida Pinheiro Filho e Rita de Cássia da Silva SantosViana

Instituição / Departamento: Universidade do Estado da Bahia / Departamento de Ciências Humanas - Campus VI

Endereço dos pesquisadores responsáveis: Rita: Rua Leonor Pereira – Bairro Ouvideo Teixeira – sn.

Benedito: Rua Copacabana – Bairro Ouvideo Teixeira – sn.

Telefone dos pesquisadores responsáveis para contato: Rita (77) 9923-1088

Benedito: (77) 9943-8539

Prezado(a) Senhor(a):

- Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**;
 - Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento;
 - O pesquisador deverá responder a todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar;
 - Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.
- **Objetivo do estudo:** Analisar a existência do racismo linguístico, refletindo sobre suas consequências buscando combater a intolerância

linguística. Perceber o racismo linguístico nas comunidades citadas e suas relações históricas e conscientizar sobre a diversidade linguística.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder oralmente às perguntas formuladas.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciência e de acordo do participante (sujeito da pesquisa)

Ciente e de acordo com o que fui anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Caetité, 16/23 de Abril de 2012.

Assinatura do sujeito de pesquisa